



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UNICEUB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE

IVO REINEHR NETO FERNANDES

PRODUÇÃO SUBJETIVA DO PSICOTERAPEUTA
EM SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL:
Um estudo construtivo-interpretativo

Brasília
2022

IVO REINEHR NETO FERNANDES

**PRODUÇÃO SUBJETIVA DO PSICOTERAPEUTA
EM SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL:
Um estudo construtivo-interpretativo**

Dissertação de mestrado apresentada e aprovada pela banca examinadora do curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ensino Universitário de Brasília (UniCEUB), sob a orientação da Prof^a Valéria Deusdará Mori.

**Brasília
2022**

IVO REINEHR NETO FERNANDES

PRODUÇÃO SUBJETIVA DO PSICOTERAPEUTA

EM SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

Um estudo construtivo-interpretativo

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para obtenção do grau em mestre em Psicologia e saúde do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB).

Orientador: Valéria Deusdará Mori.

Data de aprovação: 02 / 07 / 2022

Esta Dissertação foi submetida à banca examinadora:

Prof. Dra. Valéria Deusdará Mori – Orientadora – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Prof. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher -Membro Interno - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres – Membro Externo - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás.

Prof. Dra. Ciomara Schneider – Suplente - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores, que me estimularam a seguir pelo mundo acadêmico e acreditaram na minha capacidade de realizar essa dissertação;

Agradeço às pessoas que atendi em toda minha carreira até esse momento, cada uma me ensinou algo diferente que contribuiu para escolha do tema;

Agradeço e homenageio meu avô Ivo Reinehr, que esteve presente na minha vida até meus 7 anos de vida (apenas), mas que marcou presença de uma forma incrível na minha formação até hoje;

Agradeço a minha namorada Tatiana Pereira pela paciência e por me apoiar em todos os momentos durante esse percurso difícil. Obrigado por todo amor, cuidado e estímulo;

Agradeço a minha mãe, que sempre me estimulou a estudar e me dedicar. Obrigado por todo investimento e todas as broncas que me deu durante a minha adolescência, sei que te dei muito trabalho e você nunca deixou de me dar amor;

Agradeço aos meus amigos, por aceitarem minhas ausências em alguns eventos para que pudesse me dedicar a esse trabalho

Agradeço ao professor Fernando González Rey, que me incentivou desde a minha graduação a trabalhar com pesquisa;

Agradeço aos membros da banca; Professoras Dras. : Vannúzia, Ciomara e Júlia, por aceitarem meu convite e proporcionarem conhecimento e bastante estímulo para que continuasse meus trabalhos envolvendo pesquisa;

Agradeço, em especial, a minha orientadora Dra. Valéria Deusdará Mori, por todos os ensinamentos, carinho e acolhimento durante todo o trabalho. Não poderia ter escolhido alguém melhor para me acompanhar nessa aventura.

RESUMO

A Psicologia, historicamente, buscou diversas formas de compreender a subjetividade e apresentou dificuldades pela influência do positivismo de Augusto Comte, que buscava colocá-la dentro de princípios objetivos e universais. Desse modo, a Psicoterapia se institucionalizou como ciência, com a neutralidade e com determinismos que lhe davam esse poder, mas que dificultavam a compreensão da complexidade humana. Essa complexidade também faz parte do profissional que trabalha na Psicologia Clínica e sua subjetividade participa ativamente do processo durante os atendimentos. Justamente por isso, o objetivo principal deste trabalho é compreender como se configura a experiência do psicoterapeuta em sua atuação, entendendo a subjetividade dentro de uma relação recursiva entre o individual e o social, ou seja, como um processo simbólico e emocional que se configura e se organiza histórico-culturalmente no curso da vida. O caráter dialógico em Psicoterapia se transforma em um espaço capaz de gerar alternativas para novos momentos de subjetivação, onde novos sentidos subjetivos são produzidos e mobilizam tanto o profissional como quem procura seu trabalho. Negar as emoções do Psicólogo Clínico é uma forma de desumanizá-lo. Esse desenvolvimento da Psicoterapia é embasado pela Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey e apoiado pela Epistemologia Qualitativa, a qual se apoia no método construtivo-interpretativo. Nesse sentido, nesse tipo de pesquisa, tanto o pesquisador como o participante são pró-ativos no processo de construção do diálogo no momento empírico para que, posteriormente, possam construir hipóteses que darão fundamento ao modelo teórico. Realizada via plataforma Google Meet, os encontros foram feitos com Antônio e João (nomes fictícios), ambos psicoterapeutas, sendo o primeiro formado recentemente e o outro com mais de dez anos de formação, respectivamente. Os instrumentos utilizados foram as dinâmicas conversacionais e o complemento de frases, que visam facilitar expressões dos envolvidos, ilustrando um cenário envolvido por contradições, afirmações e até mesmo permitindo o aparecimento de questões inconscientes dos participantes. Com isso, é possível perceber esses profissionais de uma forma diferente com participação da subjetividade social acompanhada de cobranças individuais que influenciam as inseguranças envolvendo sua profissão.

Palavras-chave: Subjetividade, Psicoterapia, Subjetividade social, sentidos subjetivos, Psicologia Clínica

ABSTRACT

Psychology, historically, sought different ways of understanding subjectivity and presented difficulties due to the influence of Auguste Comte's positivism, which sought to place it within objective and universal principles. In this way, Psychotherapy was institutionalized as a science, with neutrality and determinisms that gave it this power, but made it difficult to understand human complexity. This complexity is also part of the professional who works in Clinical Psychology and their subjectivity actively participates in the process during the consultations. Precisely for this reason, the main objective of this work is to understand how the experience of the psychotherapist is configured in his work, understanding subjectivity within a recursive relationship between the individual and the social, that is, as a symbolic and emotional process that is configured and organizes itself historically and culturally in the course of life. The dialogical character in Psychotherapy becomes a space capable of generating alternatives for new moments of subjectivation, where new subjective meanings are produced and mobilize both the professional and those looking for their work. Denying the emotions of the Clinical Psychologist is a way of dehumanizing him. This development of Psychotherapy is based on the Theory of Subjectivity developed by González Rey and supported by Qualitative Epistemology, which is supported by the constructive-interpretative method. In this sense, in this type of research, both the researcher and the participant are proactive in the process of building the dialogue at the empirical moment so that, later, they can build hypotheses that will support the theoretical model. Held via the Google Meet platform, the meetings were held with Antônio and João (fictitious names), both psychotherapists, the first being recently graduated and the other with more than ten years of training, respectively. The instruments used were conversational dynamics and the complement of sentences, which aim to facilitate expressions of those involved, illustrating a scenario involved by contradictions, statements and even allowing the emergence of unconscious questions of the participants. With this, it is possible to perceive these professionals in a different way with the participation of social subjectivity accompanied by individual demands that influence the insecurities involving their profession.

Keywords: Subjectivity, Psychotherapy, Social subjectivity, subjective senses, Clinical Psychology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. OBJETIVOS	12
1.1. Objetivo geral	12
1.2. Objetivos específicos.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1. Caracterizando a psicoterapia.....	12
2.2. Saúde como processo que se expressa em psicoterapia	21
2.3. Diálogo	24
3. METODOLOGIA.....	30
3.1. Método.....	31
3.2. Epistemologia qualitativa	32
3.3. Construção do cenário social de pesquisa	34
3.4. Instrumentos	36
3.4.1. Dinâmica conversacional.....	36
3.4.2. Complemento de frases	37
3.4.3. Participantes	37

3.4.4. Processo de construção da informação	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS	813

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir determinados processos no âmbito da Psicoterapia, de modo a repensar as práticas e interações profissionais que compõem esses processos. O interesse por esse assunto deriva da trajetória do próprio pesquisador, que atua há 9 anos como Psicoterapeuta e teve diversas experiências com desdobramentos surpreendentes em sua própria carreira desde então.

Tais vivências por parte dos profissionais e as incertezas envolvendo a prática do Psicólogo, bem como uma história do campo da Psicoterapia envolvendo métodos e instrumentos de observação, trazem um maior número de pesquisas com objetivos destinados a entender quem procura a Psicoterapia e, em menor número, relacionada aos profissionais que atuam junto ao outro que se encontra nessa relação. Justamente por “atuar junto” ao outro e não serem dois ou mais seres humanos separados por “ilhas fictícias”, gerou curiosidade em compreender melhor os processos que constituem essa tensão relacional – tensão essa repleta de incertezas, influências mútuas e complexidade.

A predominância do pensamento científico desde o reconhecimento da Psicologia como Ciência, trazia uma objetividade para os fenômenos Psicológicos, agregando ao profissional uma crença de uma atuação focada na neutralidade. De certa forma, tal neutralidade perpetua e assombra Psicólogos que procuram separar sua subjetividade de forma que ela não seja ‘afetada’ de forma negativa por quem os procura, como se estivessem à parte do processo constituído pela relação entre o profissional e seu paciente – profissional e paciente estes que figurariam, respectivamente, tão somente como prestador de um serviço e cliente.

Esta subjetividade não foi vista como algo real pela Ciência moderna positivista por não ser observável e ser difícil métodos e procedimentos que pudessem dialogar com esse conceito de maneira objetiva e universal, o que gerou no decorrer da história questionamentos sobre como conceituar os processos configurados subjetivamente e aproximá-los da sociedade e da cultura. Eram comuns conceitos que fortaleciam dicotomias sobre real-imaginário, interno-externo, individual-social etc. Edgar Morin

(2020) questionou, em um trabalho recente, a realidade humana de uma forma que parece bem aberta a reflexões e que permitem um aprofundamento maior sobre o tema:

“Nossa realidade humana é tecida com o imaginário: nossos sonhos acordados, fantasias, imaginações, devaneios, desejos, nossos romances, nossos filmes, nossas séries de televisão, nossos divertimentos são coconstrutivos da realidade humana. Durante o sono, conferimos realidade aos nossos sonhos, e só de manhã a retiramos deles. No cinema, conferimos uma fortíssima realidade aos personagens e suas aventuras, e apenas uma pequenina chama no nosso espírito não esquece, durante a projeção, que somos espectadores numa poltrona.” (p. 23)

O autor traz vida aos processos imaginários e, ao mesmo tempo, nos lembra que não somos meros expectadores em uma poltrona, permitindo que se faça uma analogia com este projeto de pesquisa, abrindo um importante espaço para o questionamentos quanto à possibilidade de envolvimento do Psicoterapeuta com quem o procura. Reconhecer que o Homem desempenha diversos papéis durante a vida, incluindo o de Psicólogo, quando profissional dessa área, é reconhecer a existência da subjetividade da qual tratamos neste trabalho. Nesse sentido, se caracterizássemos a subjetividade como algo interno ao indivíduo, fortaleceríamos a ideia de que é possível atuar imparcialmente, pois o paciente estaria do lado de “fora” e, com isso, admitiríamos a hipótese de que o Psicoterapeuta seria um mero expectador do processo e não a de uma relação de influência mútua, como propõe González Rey (2002; 2004; 2007 & 2017), ao conceituar a subjetividade como um processo instável, onde o individual e o social de influenciam simultaneamente. Pensar na subjetividade, portanto, em uma relação recursiva leva à implicações sobre o papel do profissional da área de Psicologia, bem como à complexidade dessa relação dialógica na qual se estabelece esse processo.

O objetivo de se compreender os processos subjetivos configurados na prática como profissional da área de Psicologia (mais especificamente como Psicólogo) e discutir os desdobramentos de como a Subjetividade Social de que trata González Rey (2002; 2004; 2005; 2011 & 2017) se expressa nessa prática de diálogo ativo por partes dos envolvidos, se justifica baseado nas vivências humanas e em uma visão de psicoterapia para além do nicho do consultório, a qual, através da Teoria da Subjetividade (que orienta esse trabalho), nos faz repensar em formas de evitar dogmatizações que reduzem o nosso pensamento e atuação a uma única fonte do saber.

Destaca-se, então, que falar do Psicoterapeuta é também, de certa forma, falar de quem o procura sob o viés da singularidade dos profissionais que participaram dessa pesquisa. Sendo assim, para atingir os objetivos citados no parágrafo anterior, será utilizado o método construtivo-interpretativo de González Rey (2005 & 2011) que tem como base a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY; 2005).

Finalmente, registra-se aqui o desejo de que essa pesquisa possa trazer novas contribuições para a compreensão da Subjetividade em seus diversos desdobramentos nas experiências do Psicólogo, além de incentivar outros pesquisadores a se aventurar nesse assunto e nessas práticas.

1. OBJETIVOS

1.1.OBJETIVO GERAL

Compreender os processos subjetivos configurados na prática como Psicoterapeuta

1.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Discutir diferentes processos da subjetividade social que se expressam na prática da psicoterapia

2) Discutir processos da subjetividade individual de psicoterapeutas relacionados à sua atuação profissional

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1.CARACTERIZANDO A PSICOTERAPIA

Uma reflexão que parece ser interessante como ponto de partida para falar de Psicoterapia vem de uma provocação acerca da possibilidade de conciliar os diversos campos (ou vertentes) que constituem a Psicologia – conciliação essa que parece utópica quando consideramos as diversas teorias que “servem” aos profissionais da área. Sobre isso, vale dizerr que a diversidade teórica não é um problema por si só, entretanto, pensando em termos históricos, a maneira como essa experiência tomou forma nessa ânsia de identificação de cada profissional, transformou a Psicologia não somente em um campo de saber plural, mas também, fragmentado e dogmatizado em escolas antagônicas (DARWIN; 2003). Vale dizer, ainda, que tais divergências interferem na atuação profissional em diversos campos da Psicologia como, especialmente, o da Psicologia Clínica, que é o foco deste trabalho.

Para contextualizar parte do processo de desenvolvimento do campo das Psicoterapias, é fundamental ter em mente o que caracterizava o conhecimento científico do século XIX. Com seu valor exposto em vitrine e até hoje predominante, a Ciência Positivista influenciou o pensamento moderno que caracterizou a Psicologia Clínica como um todo, conforme destaca Gonzalez Rey (2007), ao trazer à tona uma discussão em torno da Psicanálise Freudiana, que

teve reconhecido papel de institucionalizar a Psicoterapia dentro de uma prática de diálogo no consultório, mas que, de outra forma, sofreu influências de um modelo biomédico focado na individualidade, no determinismo, na objetividade e na racionalidade; que se desenvolveu sobre o processo de cura e no conceito de psique como algo interno ao indivíduo. Por fim, inicialmente focado no conceito de *psiquè* intra-psíquica, percebe-se que o olhar do Psicoterapeuta estava voltado para os sintomas e para a eliminação dos mesmos, com uma visão de transtorno psicológico individualista, nos quais os aspectos sociais pouco participavam e o Psicoterapeuta, dotado de poder, seria o principal responsável pelo processo de quem o procurava.

De fato, para o seu momento histórico, Freud quebrou diversos paradigmas importantes e teve seu merecido reconhecimento. Outros autores como Milton Erickson não tiveram o mesmo destaque e podemos atribuir essa falta de reconhecimento a diversos fatores, tais como: o fato de Erickson não ter se preocupado tanto em conceituar o que praticava em seu consultório, seja por trazer a Hipnose (que era uma técnica ainda marginalizada, criticada por vários profissionais da área), seja pela falta de interesse do próprio autor em debater academicamente suas teorias (NEUBERN; 2007).

Cabe ressaltar que fazer uma crítica à obra freudiana, tomando como base a bibliografia disponível, hoje seria tanto injusto quanto irresponsável se simplesmente a fizéssemos sem levar em conta a evolução e surgimento das diversas vertentes da Psicologia e das práticas Psicoterapêuticas. Esclarecendo: nosso objetivo, aqui, é contextualizar momentos marcantes da Psicologia e dar uma base para o entendimento, sem cairmos na tentação de disputas de poder que tanto fizeram parte construção da Psicologia e suas ditas abordagens.

...

A preocupação com a inserção da Subjetividade, que será conceituada posteriormente, e a crítica à neutralidade do Psicoterapeuta, estão fundamentadas na identificação de uma necessidade de cientificismo, que passou a objetificar e limitar seus pensadores. Desse modo, todas as discussões que estão presentes neste trabalho não se esgotam por aqui, devido, especialmente, à sua complexidade e diversificação. Nesse momento, o que se pode fazer é destacar as inúmeros acontecimentos e experiências que devem ser colocadas em discussão para que ocorram avanços nesse tema extremamente complexo. Sobre isso, cabe ressaltar que,

quando se fala em complexidade entre reflexões amplas e inesgotáveis, temos um entendimento para o qual Morin (2020) nos alerta:

“O pensamento complexo reconhece as incertezas, mas não pode dizer o indizível, não pode ir além das aptidões do espírito humano. Entretanto, trazendo em seu princípio o inacabado (do humano, da consciência), o pensamento humano introduz o mistério.” (p. 19)

O autor não esgota a discussão sobre o complexo, porém, traz à tona alguns limites de uma racionalidade envolvendo indução, dedução e lógica, para ilustrar que o mistério produz o conhecimento (MORIN; 2020). A partir daí surgem alguns questionamentos, tais como: como ser um pensador se não enxergar os mistérios por trás de uma teoria? Como refletir com profundidade em algo que eu mesmo já me doutrinei? O interesse em explorar a fundo o ser humano que procura a Psicoterapia permite, segundo essa linha de raciocínio, uma fuga do “aprisionamento” do Psicoterapeuta e também daquele que o procura.

Tal “aprisionamento”, segundo Neubern (2012), está intrinsecamente relacionado às disputas entre os profissionais da área de Psicologia e ao jogo de poder que envolve o saber científico e o não-científico. Esse cenário ilustra a força que a Ciência Positivista conquistou no sentido de “validar” ou “invalidar” algo. Até onde se pode apurar, todas as teorias psicológicas passaram por esse crivo, em que, eram colocadas à prova para que fossem consideradas um conhecimento de fato ou meramente uma opinião do senso comum.

É inegável que cada teoria apresentou alternativas diversas para entender o ser humano em sua complexidade e, essas visões diferentes, mesmo avançando em alguns pontos importantes, davam ênfase ao método e ao procedimento, que representavam uma via de “traduzir” fenômenos humanos (GONZALEZ REY; 2007). Poucos autores tiveram interesse em se debruçar sobre os processos subjetivos envolvidos no magnetismo animal (NEUBERN; 2007), o que poderia ter agregado ainda mais conhecimento para a compreensão dos processos humanos. Nesse sentido, é curioso observar como Franz Mesmer proporcionava uma dita “cura” sem influências medicamentosas, de modo que era preferível excluir isso do campo científico e levá-lo para qualquer outro caminho que não prejudicasse o avanço da Psicologia como Ciência Moderna.

...

A alternativa do uso da razão como um “discurso argumentativo que dá razão de si mesmo” (DARWIN; 2003) e da busca por uma “hegemonia de saber” diferenciado da filosofia e da teologia, o Positivismo de Augusto Comte influenciou as diversas Escolas Psicológicas na busca por essa racionalidade, o que acabou afastando-a de outras Ciências Sociais, levando a um clínica individualista das patologias, que, segundo Goulart (2015), não tinha capacidade de gerar inteligibilidade em uma ontologia viva. Tal intelegibilidade, que González Rey (2011) colocou em suas reflexões como uma integração do social e do individual no curso da vida, visa sair dos determinismos e reducionismos através do entendimento de simultaneidade e de uma relação de recursividade com objetivo de superar essa dicotomia.

Conforme dito anteriormente, o vínculo entre o reducionismo da *psiqué* ao individualismo exagerado, à dicotomia entre indivíduo-sociedade e ao racionalismo do Positivismo. A construção da Ciência Psicológica passou por período em que a subjetividade foi descartada de todo o processo ou limitada aos aspectos internos do ser humano. Pensadores traziam uma subjetividade separada da cultura e do social, fragmentando o conhecimento entre o que seria da Psicologia, da Antropologia, da Sociologia e das demais ciências da época.

Importante lembrar que: a Subjetividade não é o oposto da Objetividade, até porque toda produção humana é uma produção subjetiva e representa um novo tipo de realidade, que é tão importante quanto qualquer forma palpável e observável proposta pelas metodologias científicas predominantes (GONZÁLEZ REY; 2007). Sendo assim, quando se pensa em questões sociais e culturais, também estamos pensando em Subjetividade.

Dito isso, salienta-se que a cultura definida de maneira polissêmica por Bizerril (2015) ganha espaço nessa teoria junto a uma base crítica que deu ênfase aos diferentes conceitos que não levaram a interculturalidade em consideração, ou seja, à presença de um agregado de diversas tradições complexas nas experiências coletivas e nem mesmo incluíram dentro deste sistema simbólico público o domínio da motricidade e os aspectos sensoriais. Entretanto, tudo isso é passível de transformações dentro dessa experiência individual e coletiva. Isso significa que, o objetivo dessa definição é quebrar dicotomias que separam o individual – coletivo do social- cultural e historicidade.

Continuando: o avanço dos chamados saberes teóricos, por vezes, limitou-se aos paradigmas expostos no parágrafo anterior, enxergando a complexidade humana através de um radicalismo conceitual exacerbado. Logo, embora cada escola de pensamento seja presente

uma alternativa de reflexão dos fenômenos humanos, o dogmatismo e a falta de discussão tende a ser um problema que impede o surgimento de uma racionalidade alternativa, proposta por Darwin (2003), na qual o questionamento e a crítica permitem uma maior problematização da Psicoterapia. Estabelecer as distinções entre cada escola de pensamento de forma estanque, então, parece um caminho problemático:

“Até bem recentemente, estudos históricos de Psicologia, tendiam a operar em termos de algumas distinções bem claras. Havia um domínio da ‘realidade’ que a Psicologia buscava conhecer, mas que existia independentemente dela - especificada de várias formas como a psique, a consciência, a vida mental humana, o comportamento, ou o que quer que fosse. Havia o domínio da ‘psicologia’ - que mais uma vez oscilava de uma abordagem para a outra, mas geralmente consistia em psicólogos ou seus precursores, teoria, crenças, livros e artigos, experimentos e assim por diante. E havia domínio da ‘sociedade’ interpretado como ‘cultura’ ou ‘visões de mundo’ ou processos tais como a ‘industrialização’ - que agia como uma espécie de pano de fundo para essas tentativas.” (ROSE; 2011; p. 75)

Não se nega que o futuro da Psicologia é plural e, por mais que essa Ciência tente se apropriar do desafio de um saber unitário, tal discurso pode levar a uma universalidade e a uma espécie de “tirania” do saber científico ideal (DARWIN; 2003). Por esse motivo, reconhecer a pluralidade parece o mais sensato a fazer do ponto de vista metodológico e científico, desde que pautado em um compromisso ético, no qual se perceba o excesso de ontologias no ser humano, que ultrapassam a racionalidade científica positivista. Ainda segundo o autor (DARWIN; 2003), o verdadeiro desafio está em pensar em tipos alternativos de racionalidade, nos quais a objetividade passa a ser entendida como uma construção discursiva (e consequentemente, uma produção subjetiva), passível de críticas e vinculada a uma ética que valoriza as diferentes formas de subjetivação.

Com efeito, esse discurso mostra como as diferentes escolas de pensamento têm sua importância, mas também acaba trazendo uma crítica à construção histórica focada numa “sobreposição teórica” de uma dessas escolas em relação às outras. Dito isso, a Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY; 2002, 2004, 2007, 2011 & 2017) não surge a partir de uma necessidade da Clínica, tampouco com o intuito de fundar uma nova escola de pensamento (MORI; 2012), mas traz mecanismos para pensarmos essa prática nos mais diversos contextos de atuação onde a Psicologia se faz presente, ou seja, na vida cotidiana.

...

Considerando tudo o que foi abordado até aqui, acredita-se que esteja um pouco mais claro o fato de que a indefinição ontológica da Psicologia associada à influência do modelo biomédico deixou o campo da área em questão à mercê de métodos e instrumentos que buscavam patologias universais (GONZÁLEZ REY; 2007), que entendiam o indivíduo como alguém reduzido ao “rótulo” (diagnóstico) que lhe foi dado por um profissional supostamente neutro e hierarquicamente superior. Ao trazer essa reflexão, González Rey (2007) faz uma crítica ao encontro sujeito-objeto e propõe um novo encontro, um no qual todos os envolvidos (profissional e paciente) têm a possibilidade de ser partes ativas da relação, gerando alternativas para configurações subjetivas dominantes. Vale dizer, então, que essa foi uma das primeiras quebras de paradigma propostas para uma intervenção no campo da Psicoterapia – uma crítica à neutralidade e à “teorização do indivíduo” em que a escola dogmatizada está acima das singularidades, tanto do Psicoterapeuta quanto de quem o procura. Ao contrário: segundo essa nova forma de encarar a relação profissional-paciente, ambos são partes ativas do processo (GONZÁLEZ REY; 2007).

Continuando: o conhecimento fragmentado, o “esgotamento” da teoria e inquestionável e o profissional com dificuldades de dialogar dificultaram alguns avanços. Sobre isso, Mori (2012) traz uma reflexão bem interessante acerca das diferenças entre os termos “abordagens” e “teoria”, dado que ambos são, obviamente, teorias. Por fim, pode-se dizer que em função das relações de poder que fizeram (e fazem) parte do campo da Psicologia, tornou-se difícil a emergência de reflexões mais complexas de um conhecimento vivo e indeterminado por uma única fonte do saber.

Com isso em mente, dividir a Psicologia em uma teoria que seja privativa à sua área de atuação, nos prende somente aos autores mais conhecidos da Clínica (MORI; 2012), fazendo com que Vygotsky, Gonzalez Rey, entre outros, tivessem pouco espaço no campo, sendo tratados por muitos, inclusive, como praticamente irrelevantes. Em outras palavras: era como se suas contribuições fossem “apenas” teóricas e não tivessem qualquer valor na prática empírica do consultório. Exatamente por isso, a Clínica não pode ser vista apenas dentro do consultório, dado que se refere à qualidade do diálogo e das relações independente do contexto de atuação (MORI; 2018). Essa qualidade de diálogo, no contexto da Psicologia como um todo parece ter deixado a desejar segundo o seguinte relato:

“A psicologia, como em tantas outras questões, ignorou a história de seu próprio pensamento e se orientou de forma acrítica a importar as propostas sobre pesquisa qualitativa em educação, antropologia e sociologia, entre outras razões, em detrimento da cultura e em prol dos instrumentos, das medições e da ausência de pensamento teórico que historicamente a caracterizaram. Os avanços de Lewin e dos autores humanistas nesses temas têm sido ignorados até hoje por amplos setores do pensamento psicológico que permanecem encapsulados em seus nichos de filiação sem um mínimo interesse pelo que se produz fora deles.” (GONZALEZ REY; 2017)

Reduzir as formas de pensar a Psicologia, bem como a fragmentação de sua forma presente na citação, nos dá a impressão de “saber tudo sobre nada”, ou seja, saber muito sobre apenas uma pequena e ilusoriamente “independente” parte do todo que compõe o campo da Psicologia. A falta de debates e discussões teóricas, então, acaba acarretando num retrocesso do campo. Nesse sentido, as abordagens (vertentes) são vistas como “nações autônomas” (HOLANDA; 2012).

...

Como dito anteriormente, não há dúvidas de que cada teoria trouxe contribuições e o objetivo não é negar ou defender uma única fonte do saber que seja hegemônica com relação às outras. O intuito deste trabalho é promover uma discussão que avance no campo da Psicoterapia nas diferentes formas de compreensão dos processos humanos em sua complexidade. Tendo isso em mente, vale dizer que a falta de questionamentos, parecem levar o campo da clínica ao “isolamento”, onde cada profissional atua de seu consultório e utiliza as práticas psicoterapêuticas que entende serem as mais adequadas em seus pacientes e, ironicamente, focam na autonomia do outro sem ter a própria forma de pensar e refletir como podemos observar nessa citação:

“A teoria não deve ser uma entidade que escraviza seu pensamento, precisa se transformar num pano de fundo, num conjunto de referências que ganhe vida em seu espírito, que auxilie no diálogo com o mundo empírico, mas que possa também ser questionado, aprimorado e, até mesmo, destruído. Ela não pode ser vista como um conjunto de respostas, mas como a possibilidade de tratar um problema, de dialogar com a realidade do outro, de

pensar a complexidade em seu mundo, de se transformar, em suma, num legítimo e precioso auxiliar para pesquisa.” (NEUBERN; 2012; p. 31)

Esse ponto, em especial, merece destaque por trazer diálogo e vida ao processo psicoterapêutico. Além disso, também nos mostra que pensamentos devem ser dinâmicos e que replicar algo que foi dito não é necessariamente pensar em alternativas de maneira ativa e significativa. Justamente por esse motivo, a Subjetividade proposta por González Rey mostra-se como uma alternativa para dialogar com as múltiplas formas de experienciar cada vivência terapêutica e, por isso, sua inserção começa a entrar na pauta de discussões dentro do âmbito científico. Com efeito, o processo de inserção, muitas vezes polêmico, por estar movido com o excesso de desconfiança acadêmica, é uma possibilidade de gerar novas formas de reflexão sobre o ser humano, onde o individual e o social se influenciam de maneira recursiva como pode-se perceber a seguir:

“Nessa compreensão, ela não é um sistema determinista intrapsíquico, situado apenas na mente individual, mas a qualidade de um tipo de produção humana que permite penetrar em dimensões ocultas do social e da cultura, que só se tornam visíveis na sua dimensão subjetiva. A subjetividade não é apenas um tema da psicologia, mas das ciências sociais em geral. A subjetividade, portanto, é uma produção humana, não uma internalização. Nada do que acontece em nossas práticas se internaliza, pois acima delas nós produzimos, e essa produção, mesmo sendo resultado de nossas práticas e relações, não é um resultado linear, mas uma produção diferente. Dela participam tanto as consequências dessas ações, que podem ter referentes não visíveis a partir das práticas atuais, como as configurações subjetivas que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação.” (GONZÁLEZ REY; 2007; p. 19)

É interessante notar a dificuldade da Ciência, apesar do admirável empenho, de descartar a subjetividade de todos os envolvidos em quaisquer processos da vida humana. São muitas as tentativas de seres dotados de história ignorarem os processos subjetivos, seja na tentativa de alcançar um determinismo social, seja na de atingir uma visão intrapsíquica da mente humana ora o comportamento do ser humano era tido como consequência do que acontecia com ele externamente, ora o mesmo resultava do que sentia isolada e internamente dos demais. Sobre isso, vale dizer que conceituar algo humano é extremamente difícil e exige muitas leituras e reflexões que admitem a hipótese de reconstrução. Logo, pensar na subjetividade sem causas externas e como expressão das experiências vividas (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTÍNEZ; 2017) implica entendê-la em dois níveis diferentes, quais

sejam: 1) subjetividade individual; e 2) subjetividade social. Vale dizer, ainda, que isso não significa que ambos sejam independentes um do outro, mas que se configuram nesses espaços e se influenciam simultaneamente. Tais configurações se dão em momentos diferentes e não se produzem apenas na consciência, sequer dependem da intencionalidade do indivíduo. A subjetividade se organiza em processos constituídos mutuamente. Os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas contribuem para o entendimento desses processos (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTÍNEZ; 2017).

Esse conceito de subjetividade contribui para uma visão diferente sobre a Psicoterapia e passa a vê-la sob o viés de um caráter histórico, processual e instável. Além disso, contribui para uma visão de Psicologia Clínica como uma construção relacional e ativa entre o Psicoterapeuta e a pessoa que o procura. Trata-se, então, de um conceito complexo: uma visão do ser humano racional e, ao mesmo tempo, irracional, o que a torna diferente das demais. Para González Rey (2005), não se separa esse “pensamento multidimensional” e nem mesmo considera-se a soma dos três, pois todos são processos da vida humana e se constituem recursivamente em uma relação.

A complexidade, como afirma o autor, não se resume à uma complicação ou a algo quantitativo, mas às incertezas, confusões e desordens que não estão presentes a todo instante. Sendo assim, o processo psicoterapêutico é de múltiplas dimensões, incerto e sem um roteiro personalizado para cada situação, portanto. Logo, a exigência aos autores que fazem parte da trama e do cenário terapêutico, se apresenta no palco central de um espetáculo em que não existem figurantes na cena e nem mesmo as cortinas são insignificantes.

Com isso em mente, a Psicoterapia nada mais é do que um processo dialógico em um espaço, não necessariamente o consultório, em que se busca gerar opções e formas alternativas de subjetivação e os chamados “transtornos psíquicos”, antes focados em sintomas, passam a ser vistos como o resultado da incapacidade de gerar novos sentidos subjetivos que quebrem a configuração subjetiva anteriormente hegemônica em sua história (GONZÁLEZ REY; 2012). Esse pensamento traz consigo implicações importantes: antes de tudo, vale dizer que o autor conseguiu conceituar o que antes era tido como subversivo.

A Psicoterapia representa, ainda, um espaço reflexivo onde ocorrem desdobramentos de processos individuais e sociais, sendo inseparável da cultura e da história, não se limitando ao espaço do consultório (MORI; 2012). Infere-se, então, que é um espaço onde produções subjetivas acontecem.

Finalmente, conceitos como o de Subjetividade Social, são fundamentais e levam o pesquisador ou Psicoterapeuta a observar o social com uma maior responsabilidade para com as questões institucionalizadas e dominantes dentro de uma sociedade. São, por essa razão, a “expressão da subjetividade na vida social” que dificulta a emergência do sujeito, seja o psicoterapeuta, seja quem o procura (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTÍNEZ; 2017). Muitos desses processos ocorrem sem que se tome consciência deles, o que não diminui sua importância de forma alguma. De fato, existe uma rede dessas configurações subjetivas sociais que sempre são, também, singulares – representam, desse modo, um processo que pode mudar no decorrer da experiência vivenciada e são organizados por um fluxo de sentidos subjetivos dominantes, mas que não são a soma dos mesmos. Tais fluxos de emoções são unidades simbólico-emocionais e surgem na sua configuração subjetiva. Em seus trabalhos, González Rey (2002; 2007; 2012 & 2017) os sentidos subjetivos não são universais e definem como a pessoa se sente com cada experiência vivida.

2.2. SAÚDE COMO PROCESSO QUE SE EXPRESSA EM PSICOTERAPIA

A Psicologia, apesar de estar claramente presente no ciclo de discussões entorno da área da Saúde, sofreu com as fragmentações em “ilhas” supostamente independentes, onde travestiu-se num campo chamado Psicologia da Saúde, que serviria para o aprofundamento acerca do tema em questão. Essa área, configurou-se, basicamente, como um campo de interface com a Psicologia Social onde a Clínica não foi considerada um espaço com o mesmo objetivo de promoção. Muito disso baseou-se nas definições de Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) de bem-estar físico, mental e social, segundo o qual a falta de integração e de uma transcrição de cada uma dessas variáveis, bem como a ausência de outros fatores do cotidiano da vida das pessoas como a espiritualidade, limitou a compreensão qualitativa e permitiu a fragmentação de mais um campo do saber, como verificamos nessa compreensão de Spink (2009):

“A psicologia- ao contrário das outras disciplinas mencionadas- tem aplicações práticas na área da saúde, e a emergência da psicologia da saúde, como campo de saber, está intimamente relacionada com as transformações que vêm ocorrendo na inserção do psicólogo na saúde. Até recentemente o campo de atuação da psicologia se resumia a duas principais dimensões: em primeiro lugar, as atividades exercidas

em consultórios particulares, restritas a uma clientela derivada das classes mais abastadas. Uma atividade exercida de forma autônoma, como profissional liberal e, de forma geral, não inserida no contexto de serviços de saúde. A segunda vertente compreendia as atividades exercidas em hospitais e ambulatórios de saúde mental. Atuação essa que, até recentemente, estava subordinada aos paradigmas da Psiquiatria, sendo desenvolvida dentro do enfoque, então predominante, da internação e medicação.” (p. 30)

Do excerto transcrito acima, percebe-se que a autora faz algumas distinções importantes entre a Psicologia Clínica, limitada ao consultório e sua atividade fora dos serviços de Saúde; e a Psicologia dentro de hospitais e ambulatórios, subordinada hierarquicamente, ou seja, com pouco poder de atuação. Tais distinções de saúde associada aos contextos de atuação remetem a um pensamento onde a Clínica se limita ao espaço físico do consultório e, teoricamente, não contribuem para promoção da saúde do indivíduo. Além disso, também aparece uma prática profissional subordinada ao modelo biomédico da Psiquiatria, subordinação essa caracterizada pela subjetividade social (GONZÁLEZ REY; 2002, 2004, 2011 & 2017) que foi constituída no contexto de uma definição de saúde como “ausência de doença”, ou seja, como algo que se tem ou não tem; nos leva a pensar na saúde do profissional da Psicologia inserido nesses contextos hierarquicamente constituídos e também na busca do papel da sua própria atuação como Psicólogo.

Ora, se todos temos influência sobre as questões institucionalizadas socialmente, o profissional da área de Psicologia, provocado a todo instante pelas variáveis que compõem sua profissão, participa ativamente das mazelas e dos benefícios que fazem parte de qualquer ser humano que não se encontra isolado do mundo. A título de complemento, Osório (2006) fala em uma Psicoterapia relacionada à existência de um “cuidador” que busca, precisamente, aliviar o sofrimento psicológico de outra pessoa. Essa afirmação remete à busca por um conhecimento acerca da importância da figura do “cuidador” como alguém que também tem saúde, também é humano e que se configura a partir, também, da sua experiência profissional (mesmo que não seja determinado por elas).

Dito isso, a saúde do Psicoterapeuta parece “descartada” nessa colocação do autor, muito embora seja comum conceituar a partir do viés do paciente (cliente) como ocorre desde o surgimento da Psicanálise, quando se faziam estudos de caso analisando o paciente; do Behaviorismo, que falava sobre o comportamento (especialmente observável); e do Humanismo, com o desenvolvimento da terapia centrada no cliente. Isso posto, vale dizer que

reconhecer a capacidade acolhedora essencial do Psicólogo é um ponto de partida, porém, acolher a si mesmo e sua saúde não parece ser tão discutido pelos próprios profissionais.

Retomando a ideia de bem-estar comentada acima, Martins e Zanello (2012) consideram os cientistas como pessoas que devem desconfiar das hipóteses e teorias que lhes forem apresentadas, mas que, mesmo assim, devem buscar um método clínico com cuidado e preocupação com o outro, promovendo, assim, a saúde do indivíduo. De fato, o bem-estar deve ser uma preocupação, mas o modelo biomédico influenciou muito a atuação dos profissionais de maneira geral. Relembrando: o modelo focado no biológico definiu a saúde como “ausência de doença”, ou seja, algo que se tem ou não. Mesmo com a mudança para o modelo biopsicossocial, na prática o que se viu foi tão somente a continuidade da valorização dos aspectos biológicos e o fortalecimento da eliminação dos sintomas através da prática medicamentosa (ALMEIDA & MALAGRIS; 2011).

Diante desse cenário de um modelo predominantemente focado no biológico e de um novo campo da Psicologia da Saúde, surge o desafio de inserir a Psicoterapia como um campo de promoção de saúde. Nesse sentido, as perguntas que ficam são: como falar da atuação do psicólogo clínico com uma saúde focada no modelo biomédico? Qual a diferença da Psicologia da saúde e da psicoterapia se as duas estariam entrelaçadas? Aparentemente, o desafio é grande, porque vem de uma concepção histórico-cultural que está no senso comum.

Esse conhecimento, no entanto, acabou ganhando *status* de instituição e qualquer tentativa de sair disso precisa estar bem embasada. Isso posto, acredita-se que o melhor caminho para começar essa discussão seria definindo a saúde, pois essa é a base que permite abrir as portas para que o Psicoterapeuta perceba sua atuação de forma diferente e, inclusive, fortaleça sua forma de observar a prática psicoterapêutica.

Sobre isso, vale ressaltar que González Rey (2011) faz uma crítica às definições de saúde associadas aos modelos biomédico e biopsicossocial, trazendo uma noção qualitativa que foge da ideia de estatísticas e da quantidade de sintomas que caracterizam um indivíduo saudável. Segundo o autor, há que se levar em consideração a qualidade com que a pessoa vive os processos na trama da vida, que se configuram subjetivamente. Por esse motivo, a produção subjetiva de cada experiência ganha valor, ou seja, imaginar que alguém com câncer é menos saudável do que quem não está, parece arbitrário. Pessoas diferentes lidam com a experiência do tratamento do câncer de formas diferentes e a singularidade é o ponto chave de entendimento que as particularidades devem ser levadas em consideração.

Por fim, quando entendemos a saúde a partir de uma definição qualitativa e caracterizamos a Psicoterapia para além do consultório, valorizando singularidades e partindo de uma perspectiva histórico-cultural, o trabalho do Psicoterapeuta só pode ser um trabalho que visa à saúde de quem procura seus serviços. Vale lembrar, porém, que a saúde está presente também nas mais diversas formas de diálogo, não só entre profissionais e quem os procura. Existem pessoas que vão encontrar sentido subjetivo na igreja, na academia, no trabalho, nas conversas com amigos ou familiares etc. Logo, nosso intuito não é desprezar os ditos leigos ou profissionais e de outras áreas que prestam apoio psicológico para as pessoas. Ao contrário: a ideia é trazer a perspectiva de que existem diferenças nas mais diversas formas terapêuticas.

2.3. DIÁLOGO

O conceito “diálogo” (do grego, *diálogos*), tão utilizado quanto essencial nas interações humanas, seja através das resoluções dos problemas dessa forma de comunicação, seja através de sua relação com conflitos, em verdade, acaba sendo vago e impreciso quando utilizado por profissionais da área de Psicologia que, frequentemente, correm o risco de colocá-lo em um pedestal, sem diferenciá-lo dos conceitos de “debate”, “bate-boca”, entre outros. Tal observação faz-se necessária, pois, apesar da predominância de pessoas que buscam a Psicoterapia para lidar com seus sofrimentos, e de isso estar enraizado no senso comum, muitos buscam um espaço alternativo e seguro para dialogar e refletir.

Tendo isso em mente, lembramos que, embora esse espaço tenha significados embutidos quanto à ideia de sofrimento e essa ideia ainda possa se sobrepor às demais, independentemente do tipo de demanda, o diálogo é parte essencial da construção relacional desses cenários de quem procura a Psicoterapia, afinal, estamos ali orientados seguindo orientações de um código de ética atuando de maneira acolhedora e sem julgamentos de ordem moral que possam prejudicar o vínculo e não gerar alternativas a quem procura o Psicoterapeuta em busca de mudanças em sua vida. Mais especificamente, a discussão aqui proposta alcança amplitude quando verificamos a impossibilidade de gerar alternativas para o sofrimento de quem procura o Psicólogo, como Rigon (2017) relata no seguinte trecho:

“Se o que procuramos são alternativas que resultem em menos sofrimento ou menos estagnação no viver de quem vem à clínica, um movimento diferente se faz necessário, não só para o cliente mas para o hipnoterapeuta também, pois se repetirmos os mesmos movimentos seria no mínimo estranho esperar resultados diferentes. Nesse sentido, se o excesso de razão e o excesso de individualização se tornam um problema, e fazer mais disso no setting terapêutico pode não ter muito de terapêutico, pois corremos o risco de reforçar essa separação do indivíduo. O que aparece como interessante é a possibilidade de fazer um outro movimento gerador de novas experiências e aprendizagens que lhe permitam sair do seu isolamento e se colocar novamente no seu ambiente e rede relacional de uma forma mais saudável para o cliente, que é vivencial.” (p. 21)

Isso posto, salientamos que, apesar da citação referir-se à atuação do Hipnoterapeuta Ericksoniano e desta atividade não ser exclusiva do Psicólogo, é possível inferir que dentro da Psicoterapia é fundamental estabelecer um diálogo que busque estabelecer conexão entre o profissional e quem o procura. Quando pensamos nessa conexão, então, o distanciamento gerado por uma escuta tão somente interpretativa, pode dificultar o acesso ao lado humano de seu paciente (cliente) e transformá-lo em um objeto de análise, perdendo o teor terapêutico que se busca.

. . .

O interesse pela história do outro é um movimento que o terapeuta faz para além de uma simples observação clínica. Levando isso em consideração, tem-se que o diálogo envolve reciprocidade e conexão, onde a espontaneidade deve se fazer presente o tempo todo. Não é, portanto, algo discretamente técnico, como afirma Anderson (2016):

“O diálogo, por sua própria natureza, envolve não-saber e incerteza. Interesse sincero no outro necessita não-saber do outro, sua situação, ou seu futuro antes do tempo, quer o conhecimento seja na forma de experiência prévia, conhecimento teórico, ou familiaridade. Acreditar que você conhece a outra pessoa, seja por familiaridade ou pelo tipo de pessoa, pode impedir de ser curioso e de aprender sobre sua singularidade. Da mesma forma, o diálogo requer uma atitude de não-saber também em relação ao seu resultado. Uma vez que as perspectivas mudam e o diálogo é inerente e transformador, é impossível prever, por exemplo, como uma história será contada, as voltas e reviravoltas que o contar pode tomar, ou sua versão aparentemente final. Combinadas, essas características distinguem o diálogo como uma atividade dinâmica, generativa e conjunta, e como diferente de outras atividades de linguagem como discussão, debate, ou bate-papo.” (p. 95)

Com isso em mente, fica claro que definir o conceito de diálogo não resolve o problema das diversas Psicoterapias existentes. Assim, pensando de maneira mais aprofundada e crítica, percebe-se que, onde houver interações humanas, ocorrerão diálogos e as demais situações citadas acima (debate, bate-boca ou discussão). Nesse sentido, a grande questão que fica é: o que realmente faz parte do processo psicoterapêutico e o que atinge os objetivos que são parte do processo de construção entre os envolvidos.

Aparentemente, os papéis do Psicólogo Clínico são confusos quando se entra na dimensão subjetiva, mesmo pensando na singularidade das expressões dos indivíduos. Dizendo de outra forma, tudo o que acontece dentro ou fora do consultório conosco (profissionais da área de Psicologia) e/ou com nossos pacientes pode gerar mudanças às quais não temos como controlar. Por esse motivo, o relação dialógica profissional-paciente vem como uma forma de acolhimento, de compreensão do outro etc. Ainda assim, o debate ou discussão também podem ter teor (valor) terapêutico para as partes ativas do processo de construção psicoterápica.

Continuando: em essência, pode-se pensar que um processo psicoterapêutico onde ocorre um debate interminável parece ter pouca efetividade, porém, será que nesse mesmo processo não existe uma gama de profundidade que possam reforçar a capacidade geradora do indivíduo que precisa desenvolver sua capacidade de pensar por si mesmo e expor suas opiniões de forma aberta e ampla quanto a profundidade de interpretações dos fenômenos humanos? Além disso, reconhecer o diálogo como fundamental e entender que as demais formas de interação podem ocorrer e ter desdobramentos importantes sobre a saúde do paciente, bem como do próprio Psicoterapeuta, implica uma provocação quanto à possibilidade de se utilizar os conceitos de maneira rígida para relações instáveis por sua própria natureza.

Para o Psicólogo, portanto, não parece interessante se cobrar que o processo dependa de um diálogo receptivo de trocas e que nunca possa ocorrer um debate ou discussão dentro da sua atuação durante as sessões. De fato, todas essas práticas podem ser provocativas e benéficas. Fazemos essa ressalva, pois, de um lado, corremos o risco de entrar num rigor conceitual e considerar que o papel do profissional da área da Psicologia é somente dialogar; de outro, corremos o risco de deixar o processo aberto, mas sem ter certeza do que estamos fazendo e dos efeitos que isso pode causar. Os efeitos, bem como a busca por certezas, parecem algo que prejudica a atuação quando entendidas como uma prática de função exclusiva do “cuidador” (nesse caso, do Psicoterapeuta), e não uma atividade que envolve tanto receber

ajuda quanto autocuidado. Também podem tirar a espontaneidade citada pela autora, que parece primordial para que se retire a rigidez de que há somente uma forma do processo terapêutico funcionar de maneira “correta”.

Do exposto até aqui, acredita-se que não há outra forma de conceituar o diálogo que não seja na forma de uma dinâmica livre e sem roteiros que possa agregar às lacunas do parágrafo anterior, como, nesse trecho extraído da obra de González Rey (2017) transcrito abaixo:

“[...] todo diálogo é um processo construtivo daqueles que dele participam e diálogo implica contradições, rupturas, abertura de caminhos, onde novos processos do relacionamento aparecem associados a novas produções subjetivas dos indivíduos em diálogo.” (p. 29)

Tal definição pode levar o leitor à primeira armadilha: achar que tudo que faz parte da comunicação humana necessariamente é o diálogo. Nesse caso, a atuação do Psicoterapeuta poderia simplesmente dizer um “bom dia” a quem o procura que já estaria fazendo seu trabalho. Além disso, seguindo por essa linha de raciocínio, todos seríamos Psicólogos só por cumprimentar alguém, o que não daria sentido à nossa existência. Em um diálogo, conforme o autor destaca, ocorrem “contradições e rupturas”, o que aparece na forma de aprofundamentos nessas dinâmicas conversacionais das partes envolvidas.

A segunda armadilha em que o leitor pode acabar caindo é a de que o aprofundamento necessariamente aconteceria baseando-se em um maior número de palavras utilizadas quando sequer deveria depender do uso das palavras em si para se estabelecer algum tipo de comunicação. A profundidade dá-se no campo da subjetividade e das produções ocorridas no momento da experiência e isso pode ocorrer em razão de um olhar que desperta provocações em quem está presente, até o uso de palavras independentemente da quantidade de vezes que forem utilizadas.

A terceira, e última, armadilha seria a de supor que só ocorre diálogo e profundidade emocional com profissionais da área de Psicologia em seus consultórios. Como dito anteriormente, tanto o diálogo quanto a profundidade podem se dar fora dos consultórios pelo intermédio dos ditos leigos ou de profissionais de outras áreas. Com efeito, o ser humano atua em diversos contextos e vive suas experiências de maneiras singulares, livres e com autonomia (ainda que não totalmente) para refletir sobre o que vive nesses momentos. Considerando essa

autonomia e que cada indivíduo tem diversos momentos terapêuticos, ou seja, momentos nos quais suas produções subjetivas o estejam provocando de forma intensa e onde exista envolvimento com sua experiência, o pensamento ocorre em momentos diversos na trama da vida.

. . .

O presente capítulo avança, assim, no sentido de deixar aberto para que se pensem em diversas novas “armadilhas” que o leitor possa embarcar, porém, independente dos riscos de uma definição complexa, González Rey (ano) propõe uma nova forma de fazer psicoterapia (mesmo que não tenha sido interesse do autor) onde um Psicólogo ativo com a pessoa que o procura como parte ativa, fazem a relação de diálogo acontecer e abrem um espaço para gerar alternativas as configurações subjetivas predominantes até então.

2.4. PSICOTERAPIA DO RESULTADO: SUBJETIVIDADE SOCIAL

Em nossa sociedade, é comum que as pessoas se interessem e voltem sua atenção para o destino, e não para a estrada que leva que leva até lá. Dentro dos consultórios, parece ser predominante esse tipo de cobrança, especialmente, por parte das pessoas que procuram a Psicoterapia e por todos os envolvidos que se relacionam com ela de alguma maneira. Tendo isso em mente, a grande questão que fica gira entorno dos profissionais da área de Psicologia e, se de alguma forma, isso ainda faz parte da cobrança que os mesmos se fazem em relação à sua atuação. Tal questionamento é válido não para comprovar se ocorre ou não, mas compreender como a subjetividade social (GONZÁLEZ REY; 2002, 2004, 2011 & 2017) impacta nas produções subjetivas do Psicólogo atuante. Para tanto, o entendimento é de um ser humano impactado por diversas esferas, conforme Morin (2020) nos faz refletir quando diz:

“Nós somos seres trinários, ao mesmo tempo indivíduo, momento/elemento de uma espécie biológica, momento/elemento de uma sociedade, e essas três noções não são apenas inseparáveis como recursivamente produtora umas das outras,” (p.67)

Se as influências ocorrem de maneira simultânea, então, não podemos negar que mobilizam algo na subjetividade de alguma maneira na pessoa que procura a psicoterapia e também o profissional que está lá. De fato, também não podemos desconsiderar a capacidade geradora do indivíduo de produzir, até por sabermos que os determinismos apresentam alguns riscos nesse sentido, gerando uma crítica de que para o mundo não somos “nada” e que para si mesmos somos “tudo” (MORIN; 2020).

Neubern (2012), como Psicoterapeuta, já realizava uma dura crítica sobre esse tema, alegando que os seres humanos têm a capacidade de pensar e ter uma compreensão ampla dos processos pelos quais está envolvido e do contexto em que se encontram, mas, quando procura apenas por resultado, ele se distancia da pessoa que está à sua frente e de todas essas potencialidades citadas. Esse afastamento parece tirar o aspecto humano do processo de interação entre os partes e ao mesmo tempo nos instiga a pensar que o resultado não será atingido ou, até mesmo, a pensar do que se trata o resultado em si.

O significado do “resultado” parece, então, utópico diante de tantas variáveis pertencentes ao humano e diante do mistério que assola a nossa existência. Afinal, se o resultado está relacionado ao “querer” de uma das partes, ao “querer” das instituições sociais e por aí vai. Outro questionamento que fica é: o que tornaria o “resultado” necessariamente positivo, uma necessidade real do indivíduo ou um desejo que preenche outras faltas que podem passar despercebidas pelo Psicólogo que destina seu olhar só para o fim, e não para o caminho de construção relacional?

Quando abordamos o tema de Psicoterapia, parece que o dito “resultado” seria algo muito mais relacionado à construção dos momentos do que a um objetivo a se alcançar. Logo, negar que o indivíduo deseja a mudança de alguma coisa em sua vida seria uma irresponsabilidade, porém, afirmar que a sua intenção consciente é para se chegar ao “fim” que queremos alcançar e que, se não atingirmos esse “fim”, nosso trabalho estaria fadado ao fracasso, gera muito mais uma atitude autopunitiva por parte do profissional do que terapêutica para com o mesmo, que também precisa cuidar de si.

3. METODOLOGIA

Historicamente, a maioria dos trabalhos envolvendo pesquisa científica primou pela neutralidade, objetividade e respostas universais, baseando-se em um conceito de Ciência centrado em dados quantificáveis que seriam interpretados como evidências observáveis e/ou estatísticas (GONZÁLEZ REY; 2005). Tal atitude levou ao desprezo por determinados modelos teóricos¹, como se representassem “apenas” reflexões filosóficas para uma Ciência que buscava se diferenciar da teologia, da própria filosofia e outros modelos de visão de mundo (GOULART; 2015). O prejudicial nisso é que nesses modelos ocorrem reducionismos de aspectos subjetivos do ser humano, bem como uma tentativa de anular os mesmos, incluindo, os aspectos simbólicos-emocionais do próprio pesquisador.

Segundo González Rey (2005), um modelo teórico quantificável é legítimo e deve ser utilizado para evolução científica, desde que o mesmo permita que se lhe atribua um significado. O autor chama esse processo de produção de instrumentalismo, segundo o qual as técnicas garantiriam a legitimidade do conhecimento e o desenvolvimento dos trabalhos não envolveria a reflexão dos próprios pesquisadores. A partir de tal reflexão, é possível nos aprofundar e perceber contradições dentro da pesquisa científica, além de humanizar quem está fazendo o trabalho tanto quanto quem participa do mesmo. O conhecimento que se buscava à época, e que ainda se busca atualmente, portanto, acaba fragmentando a personalidade das partes envolvidas no processo.

Por sua vez, Morin (2000) diz que a Ciência busca comprovar que seu conhecimento tem maior importância do que outros há séculos. Seguir por essa linha de raciocínio é problemático, pois destacam-se aí somente os “benefícios” que o mundo científico trouxe, ignorando os pontos negativos, “malefícios” esses que se referem-, por exemplo, à exclusão da cultura e do ser humano dotado de consciência (MORIN; 2000).

. . .

A ideia de mudar a forma de se fazer pesquisa científica ocorre devido à uma proposta de pensamento pós-moderno, segundo o qual a singularidade, as emoções, a capacidade

interpretativa e a caracterização de um conhecimento inesgotável, são seus fundamentos básicos de orientação para todo o processo de construção das relações entre pesquisador e pesquisado. Em relação à esse assunto, Minayo (1993) defende um ponto de vista o qual põe falhas tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas, sem, contudo, negar a importância destas. Especificamente a respeito de pesquisas qualitativas, ela pontua:

“A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.” (MINAYO; 1993, p. 244)

Do trecho acima, depreende-se a ênfase na dialética presente na relação entre o pesquisador e o pesquisado. Essa noção qualitativa defendida caminha à luz de dois pontos fundamentais: de um lado, está o referencial teórico (a saber, os métodos e instrumentos que fundamentam a pesquisa) e, de outro, a caminhada que pode levar a direções diversas em que o simbólico ganha importância no decorrer da análise (MINAYO; 1993).

González Rey (2002) destaca o caráter processual e singular da produção de conhecimento.

3.1. MÉTODO

O método utilizado neste trabalho é o construtivo-interpretativo, embasado em uma crítica aos métodos predominantes que limitavam a atuação do pesquisador ao papel de observador e que ocorriam as definições *a priori* das teorias que seriam utilizadas, do problema de pesquisa e dos instrumentos que seriam usados de forma rígida conforme verificamos pelo relato de González Rey (2017), em que realiza uma nova proposta de fazer pesquisa científica com as “instabilidades” que fazem parte do processo humano. Diz o autor:

“Esta nova lógica de pesquisa é radicalmente diferente da que inspira o modelo de pesquisa descritivo-instrumental, para a qual a lógica de procedimentos é formal, rígida e estática, atributos esses que definem o processo de pesquisa como conjunto de momentos irreversíveis e em sequência, que respondem a lógica aplicação/coleta/análise dos resultados, processo orientado, a maior parte das vezes, por hipóteses *a priori* que são estabelecidas com precisão desde o começo da pesquisa. É interessante

como se procura clareza sobre algo ainda não pesquisado e é essa a aspiração a que norteia o processo de pesquisa nessa aproximação metodológica.” (p. 93)

Com base nesse excerto acima, acredita-se que a opção pelo método construtivo-interpretativo inova no sentido de trazer uma simultaneidade teórica e dialógica. Além disso, diverge de outros métodos discutidos anteriormente por permitir uma pró-atividade do pesquisador em construir e interpretar o que é vivenciado no momento empírico. O objetivo, aqui, não é, portanto, “encaixar” os participantes em uma teoria definida *a priori* ou *a posteriori*, mas o de entender que a instabilidade e incerteza faz parte da atuação do pesquisador e que podemos avançar de diversas formas reconhecendo esse caráter dinâmico vivido nos diálogos presentes durante o curso da pesquisa.

Finalmente, cabe dizer que a análise construtiva-interpretativa consiste, justamente, na construção da informação a partir dessa interação entre pesquisador e sujeito pesquisado, mas não como uma verdade absoluta e sim como a expressão de uma realidade individual, que se torna passível de interpretação a partir de teorias que falam a respeito desses assuntos e abrem espaço para superação da própria perspectiva teórica em si. Ora, quando se produz conhecimento dessa forma, deve-se entender que não existe neutralidade científica e que o pesquisador irá, no momento empírico, atuar junto à sua própria subjetividade e suas próprias experiências, o que influenciará os resultados da pesquisa de modo inevitável. Os efeitos de tais influências, porém, não devem ser descartados e sim contextualizados e valorizados como produção de conhecimento. Logo, nesse método, o foco está na construção de conhecimento, e não a coleta de dados como principal objeto de análise. Isso significa que a subjetividade tem papel fundamental no processo tanto na construção do conhecimento como também na interpretação do momento vivenciado.

3.2. EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

Os avanços que a epistemologia qualitativa trouxeram para esse tipo de pesquisa foram basearam-se em alguns princípios fundamentais, mas, antes de trazê-los à tona, cabe ressaltar alguns pontos importantes, a saber: o papel da teoria e do momento empírico. Dito isso, tem-se que a produção do conhecimento em pesquisa científica ocorre entre o momento em que o

pesquisador registra suas ideias e o momento em que observa os fatos e experiências que lhes deram forma,

Admitindo-se que teorias não representam sistemas estáticos e que o momento empírico é quando essa teoria se confronta com a realidade, ou seja, eles estão intimamente entrelaçados e não há como separá-los (GONZÁLEZ REY; 2005). A aproximação entre o pesquisador e o participante da pesquisa, portanto, conduz a desdobramentos imprevisíveis a pesquisa, onde existe humanização na criação desses diálogos e também abrem espaços para avanços nas próprias reflexões do pesquisador. Em um trecho do livro “Subjetividade: teoria, epistemologia e método”, González Rey & Mijáns Martínez (2017) pontuam:

“Avançar nos desafios teóricos da subjetividade sem ter a pesquisa como recurso básico da produção teórica é uma tarefa impossível, pois é nos processos de construção implicados na pesquisa e na prática profissional que as teorias avançam e tomam forma como corpos vivos, em movimento. Uma teoria não se legitima na pesquisa, a pesquisa e a prática profissional são espaços nos quais as teorias existem, não como sistemas externos a elas, mas como sistemas de pensamento intrínsecos a esses dois tipos de prática humana.” (p. 27)

Conforme destacado acima, não há como dar vida ao desenvolvimento da pesquisa sem que se tenha uma pró-atividade de todos os envolvidos no próprio momento da experiência. As incertezas que podem surgir nesses momentos de troca entre todos os envolvidos nos levam a questionar sobre a necessidade de um modelo epistemológico geradores de avanços metodológicos necessários para que a teoria consiga “justificar momentos dessa metodologia” (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTINEZ; 2017).

A partir do exposto até aqui, reiteramos que este trabalho utilizou da epistemologia qualitativa, com ênfase na metodologia construtivo-interpretativa, que segundo González Rey consiste em:

“Quando afirmamos o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, desejamos enfatizar que o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento. Disso surgiu o conceito de ‘zona de sentido’ (1997), definido por nós como aqueles espaços de intelegibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica.” (p. 6).

Diante disso, ressalta-se que, devido à profundidade desse tipo de produção de conhecimento e do próprio conhecimento em si, que nos direciona para caminhos distintos e incontroláveis sob o ponto de vista metodológico é que admite-se, portanto, a formulação de princípios que darão corpo e, ao mesmo tempo, não fecharão as portas ao seu desenvolvimento e até mesmo a superação desses próprios princípios. Isso não significa dizer que eles são descartáveis, muito pelo contrário, são fundamentais para que sirvam como orientação, mas, nunca como entidades rígidas. Os princípios são: 1) Reconhecimento da singularidade; 2) Ênfase no caráter construtivo-interpretativo do conhecimento da subjetividade, 3) pesquisa como processo dialógico.

3.3. CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL DE PESQUISA

Em verdade, há que se dizer que um cenário de pesquisa envolve toda a ação que visa promover a interação entre o pesquisador e os participantes. Além disso, também é nesse momento de interação inicial que o pesquisador deve explicar como se dará o processo e, com base nessas informações, as pessoas vão decidir se participarão ou não da pesquisa (GONZÁLEZ REY; 2005). Há que se estabelecer, portanto, uma relação de confiança entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.

Dizendo de outra forma: trata-se de um processo de apresentação do conteúdo do que será feito e também de criação de um diálogo que motive a participação da pessoa. Essa confiança é conquistada apresentando a própria pesquisa em si, os encontros e tudo que vai ser feito em cada etapa do processo.

Reiterando o que dissemos acima: para que os participantes tenham interesse em se voluntariar para participar da pesquisa será explicado em que consiste esse trabalho e porque o pesquisador deseja ter como tema as pessoas que necessariamente estão atuando dentro de psicologia clínica. É preciso que o pesquisador deixe claro o que será feito e, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), mostrará que está aplicando seu trabalho dentro da ética e do sigilo. Esse sigilo pode motivar os participantes, na medida em que sua identidade não será revelada e ficará livre para falar o que quiser ao pesquisador.

Esse primeiro contato se deu via whatsapp, no qual houve um diálogo prévio para o pesquisador se apresentar, explicar o motivo de seu contato, apresentar a pesquisa e, por fim, fazer o convite para a pessoa fazer parte da pesquisa. Selecionados os participantes, foram realizados quatro encontros semanais via Google Meet, de uma hora cada, que foram gravados, de acordo com a disponibilidade do Psicólogo e do participante. Cabe acrescentar que esses encontros se deram de maneira virtual e por vídeo, devido à pandemia da COVID-19 que, conforme decretos publicados desde o dia 19/03/2020, no Diário Oficial do Distrito Federal (DOU/DF), o curso da pesquisa respeitou as medidas de enfrentamento ao coronavírus através do isolamento social.

Para que o participante fale livremente, a dinâmica conversacional proposta por González Rey (2005) possibilitou um diálogo, sem perguntas ou roteiros que obrigassem ou limitassem o vínculo adquirido entre as partes. Tal limitação poderia colocar o participante na posição de entrevistado, para responder às perguntas de interesse do pesquisador, com respostas racionais e intencionais, sem o surgimento de contradições em um processo dinâmico de troca e, principalmente, sem o processo humano com uma atuação completamente ativa do pesquisador. Diante desse cenário, ele deixa de ser um simples observador para ser parte ativa da pesquisa. Na dinâmica conversacional o interesse em falar vem do participante e do pesquisador, que utiliza alguns instrumentos que busquem facilitar sua expressão (GONZÁLEZ REY; 2005). Isso posto, antes de continuarmos, esclarecemos que os encontros foram feitos de maneira separada com cada participante.

Num segundo momento, após apresentar o TCLE e o mesmo ser assinado, houve o primeiro contato gravado por vídeo, no qual foi abordado o assunto referente à pesquisa em si, de forma aberta, com a seguinte pergunta inicial: ‘Como você enxerga a Psicoterapia?’ A pergunta em questão representa apenas uma base de onde pretendeu-se partir para atingir um processo de múltiplos desdobramentos que não foram definidos *a priori*. O objetivo era que fosse estabelecido um vínculo de confiança entre as partes, criando, assim, um espaço de interação.

O terceiro e quarto momentos dedicaram-se à realização dos segundo e terceiro encontros, nos quais pudemos seguir com o processo de dialógico para falarmos sobre várias experiências da vida da pessoa como Psicoterapeuta, destacando que qualquer aspecto da vida dela pode ser relevante para o processo de construção da informação, pois reconhecemos o caráter histórico do ser humano nesta perspectiva histórico-cultural e isso significa que o

processo vai além da intenção do indivíduo, de modo que a forma como ele leva a vida (GONZÁLEZ REY; 2011) será levado em conta e não apenas o momento exato em que ocorre a atuação profissional, mesmo que o objetivo desse trabalho seja relacionado à maneira como se configura subjetivamente o trabalho como Psicólogo Clínico. Resumindo: a ideia era mostrar ao participante que sua atuação não é separada da sua própria história de vida que, de alguma forma que não sabemos ainda, terá participação na construção dos indicadores e formulação das hipóteses.

Após os três encontros por vídeo, foi enviado via e-mail um complemento de frases, que é um instrumento importante para ter mais conteúdos sobre a vida da pessoa, permitindo agregar mais informações para a conversa que ocorreu no último encontro, onde foi feito um fechamento do processo de construção e agradecimentos pela participação.

3.4. INSTRUMENTOS

Os instrumentos de pesquisa científica servem como facilitadores para a expressão do participante (GONZÁLEZ REY; 2005). Significa dizer que não são o único meio de “coletar dados” relevantes para o processo de análise posterior, que se refere ao processo de construção da informação. Contudo, permitem um maior aprofundamento em determinados aspectos da vida do indivíduo, logo, funcionam como indutores de expressões.

3.4.1. DINÂMICA CONVERSACIONAL

Esse instrumento se difere das entrevistas, pois as questões não serão definidas a priori, mas no momento do processo de construção da relação. O diálogo vai acompanhando as necessidades levantadas no momento do encontro entre o pesquisador e o pesquisado. Essa proposta não se preocupará em fazer perguntas prontas e formuladas, mas o foco torna-se a estabelecer uma conversa que permita ao participante da pesquisa se expressar nas suas diversas formas de produção subjetiva (GONZÁLEZ REY; 2002).

A dinâmica conversacional proposta por González Rey (2005) põe em destaque os vários sentidos subjetivos que podem delimitar novas informações, que permitem uma pesquisa

mais aprofundada dentro de uma gama de emoções expressas pelo outro nas associações dos instrumentos de pesquisa com o próprio diálogo estabelecido no momento empírico.

3.4.2. COMPLEMENTO DE FRASES

A escolha pela utilização do complemento de frases como instrumento se deu a partir de uma reflexão acerca da possibilidade de ampliar as opções dentro da análise qualitativa, que consiste em apresentar aos participantes algumas palavras por escrito, que serão enviadas por e-mail, para que sejam completadas posteriormente, com tempo livre para fazer e sem um número fixo de caracteres. Isso será feito por escrito pelo participante, de maneira intencional como, no exemplo a seguir:

“Antes...” eu era feliz.

“Agora...” me sinto muito mal com a minha vida.

É importante informar que o pesquisador começou a dinâmica conversacional como forma de estabelecer um vínculo com cada um dos participantes separadamente e em momentos diferentes, além de permitir que a emergência das produções subjetivas, direta ou indiretamente tivesse espaço. Após uma longa conversa começará a referida atividade. Essa atividade permitirá analisar se as respostas dadas reforçam ou contradizem as hipóteses que forem sendo desenvolvidas (GONZÁLEZ REY; 2005).

3.4.3. PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa dois Psicólogos (as) Clínicos que estão atuando na área, sendo um com até 10 anos de experiência e outro acima de 25 anos de atuação. Esse contato se dará no primeiro momento por telefone para que, após a autorização, o pesquisador possa encontrar o participante pessoalmente em seu consultório ou, pode ser que, seja necessário realizar vídeo chamada em razão da pandemia da covid-19, respeitando os critérios éticos de pesquisa juntamente com as explicações no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram realizados 4 (quatro) encontros semanais, com duração de 01h00 (uma hora) cada um, sendo três para a dinâmica conversacional e outro para a aplicação do complemento de frases após retorno do e-mail.

3.4.4. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

O processo de construção da informação na Epistemologia Qualitativa não consiste em uma análise empírica de dados como verdade absoluta e sim um processo construtivo-interpretativo no qual o foco torna-se uma gama de sentidos subjetivos presentes na expressão do indivíduo, não de forma direta, mas indiretamente em alguns aspectos que podem estar relacionados às contradições, comparações de relatos repetitivos e seus contextos, entre outras manifestações para além das palavras, que vão ganhando força através dos indicadores que o pesquisador vai construindo no curso de seu trabalho. Indicadores que González Rey & Mitjans Martínez (2017) nos ajudam a entender no trecho a seguir:

“Os indicadores são construções do pesquisador que se apoiam em múltiplos aspectos qualitativos da expressão dos participantes. A pesquisa construtivo-interpretativa não trabalha com a linguagem nem com o discurso como sistemas que se organizam fora dos indivíduos, da fala e das relações. A linguagem é trabalhada pela sua qualidade, forma de organização do relato, experiências associadas com os que aparecem como protagonistas, cronologia de aparição dos eventos etc., os quais são atributos que identificam o sujeito ou agente da fala e que estão além da intenção da fala ou da escrita, mas que aparecem na organização não consciente destas na qualidade do processo de construção em que essas expressões faladas, escritas ou simplesmente sentidas se manifestam.” (p. 110)

A construção da informação, então, deve ser compreendida como um sistema configuracional em que os indicadores não precisam ser interpretados de maneira isolada, mas a partir de um conjunto de sentidos subjetivos produzidos no decorrer da pesquisa e identificados pelo próprio pesquisador, com base nos relatos, atitudes, silêncios do participante etc. Ou seja, inclui tudo o que ocorre naquele contexto e no momento relacional. A partir desse conjunto de indicadores é possível chegar ao que o autor chama de “hipóteses” que seria algo mais significativo do que a mera suspeita, porém, vale lembrar que, nunca deve ser visto como um processo fechado e com certezas embutidas e invioláveis.

Com o intuito de trazer mais clareza ao que estamos tentando dizer, tomamos emprestadas as palavras de Gonzalez Rey e Mitjáns Martinez (2017):

“A coerência das hipóteses desenvolvidas no curso da pesquisa, com os indicadores que as acompanham e as construções teóricas do pesquisador que as integra e as transcende, e o aspecto central da legitimidade do conhecimento produzido por esta via, o que representa um critério de rigor que combina a consistência e criatividade no aporte teórico a um campo do saber.” (p. 112)

Como se vê, os autores esclarecem que esse tipo de conhecimento tem legitimidade por permitir um outro tipo de racionalidade onde a consistência ajuda na compreensão e em novas formas de se chegar ao conhecimento sem depender de variáveis que limitam a profundidade da interpretação do pesquisador ou onde o diálogo fica restrito aos interesses de quem faz a pesquisa.

Caso Antônio

Antônio (nome fictício) é Psicólogo, 28 anos, possui 1 ano e meio de formado, atua em hospital e na Psicologia clínica em Brasília - DF. Mora sozinho e se sustenta sem ajuda de outras pessoas desde que se formou.

EIXO Finanças e resultados

Fizemos três encontros via plataforma Google Meet. Esse primeiro momento teve duração de aproximadamente 1 (uma) hora e falamos um pouco sobre a experiência de Antônio com a Psicoterapia desde sua formação como Psicólogo. Logo no primeiro momento, conversamos sobre a geração que se formou durante a pandemia e os benefícios e malefícios disso, segundo a visão do participante, que relata:

Participante: “Legal ! E o pior que as pessoas que formaram comigo... ficou até mais barato para você atender, pois, no seu caso, você teve que fazer um investimento de local, deslocamento... e que a gente no começo não precisou fazer esse investimento de se deslocar, ir para o escritório, alimentação e tempo”

Nesse relato, percebe-se um indicador importante relacionado à subjetividade social de questões ligadas ao dinheiro e aos gastos do Psicólogo recém-formado. A preocupação com os aspectos econômicos se faz presente em nossa sociedade, especialmente, considerando um ponto de vista atual, onde estamos vivendo crises econômicas, inflação e pandemia mundial. Antônio nos coloca uma

inquietação com essas influências, quando cita que "ficou mais barato" atender para os alunos que se formaram durante a pandemia da COVID-19. Nesse sentido, o diálogo continua:

“Pesquisador: Como é que você tá atendendo cara? Quais dias? Como é que tá a sua rotina?”

“Participante: Cara minha rotina tá assim: na minha visão está meio bagunçada! Na segunda, quarta e sexta, atendo no hospital... não é atendimento de psicoterapia, é atendimento mais de parte cognitiva... mais encaminhamento e acolhimento. Aí, por exemplo, terça e quinta que são os dias que eu fico mais tranquilo, eu faço alguns atendimentos esporádicos que são particulares e não são muitos, por isso, eu fico com muito tempo livre. Hoje, por exemplo, é tranquilo. Eu só tenho atendimento à noite...durante o dia tá tranquilo! Então terça-feira eu tenho atendimento só que é por convênio (e que eu já estou querendo sair) e é isso que está na minha rotina! Segunda, quarta e sexta são os dias que eu fico trabalhando apenas no hospital. Eu ganho por produtividade mesmo, não sou CLT. Eu era estagiário lá e o médico gostou do trabalho... foi legal para mim! Ele conversou com o pessoal do hospital e me deram um consultório lá. É bem pequeno, mas é legal para mim! Então eu ganho por produtividade, atendo 5/ 6 pacientes no dia e é isso.”

Quando o participante cita sobre seus ganhos, existem indicadores que reforçam a ideia anterior, da preocupação com o lado financeiro. Coloca a diferenciação dos atendimentos particulares e, quando fala sobre os convênios, alega que quer sair do local. Também destaca que, no hospital, ganha “por produtividade”, ilustrando um cenário da realidade brasileira de uma pessoa recém-formada e seus obstáculos neste percurso, como: dificuldades de se sustentar, ser reconhecido e de lidar com essa pressão gerenciada por questões institucionalizadas socialmente e que exercem influência em sua singularidade. Tudo isso foi dito a partir de uma simples pergunta relacionada a sua rotina. Portanto, abre-se um espaço para que se levantem questões do participante quanto a necessidade de dialogar sobre suas frustrações relacionadas às suas remunerações e, infere-se que, talvez, **seu modo de vida** influencie essas preocupações. Esse modo de vida estaria associado à sua rotina e a maneira que gerencia seu tempo e sua qualidade em cada experiência vivida, para além do próprio trabalho. Por outro lado, destaca o reconhecimento do médico que gostou do seu trabalho como estagiário e conseguiu um consultório para que pudesse atender. Existe uma aparente satisfação sobre a valorização da sua função de Psicólogo, o que representa mais um indicador sobre o valor do trabalho para ele, para além dos ganhos relacionados ao dinheiro. Apesar dessa última observação, seguiu com o assunto:

“Pesquisador: Como é que foi para você essa relação... como é que foi se formar e começar a trabalhar?

Participante: Então começando a falar sobre o que você disse foi um impacto muito grande para mim, muito grande mesmo! Ao mesmo tempo que é e está sendo de alguma maneira sofrida... é

também gratificante no sentido de que, eu faço duas separações: que é a separação da burocracia de ser psicólogo, ou seja, o critério do trabalho e a mão de obra e, por exemplo, como você tem que fazer se você é profissional autônomo. Isso está vinculado a uma série de impostos de como você vai negociar um paciente, com dono do lugar que você vai alugar... isso é uma das coisas! A burocracia e todas essas articulações que dificultam ao meu ver. E a outra separação que eu faço é a completa desvalorização sobre o tema PSI e a completa valorização de forma contraditória que por outras mãos de obras que se alimentam disso, que se alimentam de uma receita de bolo, que se alimentam de um imaginário do que é dar conta de problemas de transtornos mentais, de dar conta do que e esse processo existencial humano.”

Nesse momento trouxe o choque que sentiu com relação à experiência vivida, de ser profissional e não mais o estudante: as suas preocupações e cobranças existentes em decidir quanto vale o próprio trabalho e toda a parte burocrática que não é ensinada na maioria dos cursos de Psicologia. Na maior parte das vezes, é ensinado sobre técnicas e teorias e muito pouco sobre os trâmites legais envolvendo sua atuação, situações sobre imposto de renda, etc. Faz uma reflexão sobre a configuração do campo da Psicoterapia e expressa sua capacidade crítica em relação a Psicologia, ao se incomodar com as contradições sobre a valorização do “tema Psi”, o que permite repensarmos sobre nossa forma de atuação. Essa nova forma de pensar envolve um conflito com a subjetividade social da “receita de bolo” que atende a uma demanda de imediatismo presente historicamente em nossa cultura e que representa uma concepção de sociedade permeada por resultados rápidos e permanentes. Existe, portanto, um indicador relacionado a sentidos subjetivos produzidos entorno dessa valorização de outras mãos de obra, que fazem promessas a partir dessa “dor social”. Nesse caso, o médico que cedeu a sala em seus tempos de estagiário, representou algo significativo por ir de encontro a essa percepção. E, na mesma sentença, continua:

“Participante: Em relação a parte contraditória, por exemplo, eu busco um serviço de um psicólogo e eu acho muito caro mas, um coach que cobra R\$ 2000 a sessão para orientar, é tranquilo! Porque ele vai me ajudar melhor e tudo mais, entendeu? Essas foram uma das coisas que eu fui vendo e sentindo que para mim foi muito impactante! Assim, para mim, o mais impactante foi você está na faculdade e os professores falarem assim: gente, o tema PSI é um tema que você parte de uma reflexão intelectualizada. O que é uma reflexão gostosa que você se deleita com as discussões dos autores, se deleita pelas palavras usadas para adjetivar todo esse fenômeno... que particularmente é uma coisa que eu gosto muito, mas na hora que você toma na cara isso de uma maneira muito explícita, isso dá um choque! Isso te machuca e você entende porque alguns profissionais da Psicologia parte de uma lógica

do mercado para tentar se encaixar no mercado. Já que o mercado funciona assim eu vou passar uma receita de bolo...”

Esse trecho é extremamente significativo, pois continua falando dos impactos da desvalorização da profissão e do financeiro. Por isso, começamos a chegar em uma hipótese que faz parte da sua configuração subjetiva: da frustração com o pouco reconhecimento em relação a outras carreiras e que transcende a própria procura das pessoas, gerenciado pela baixa remuneração dada ao profissional da Psicologia. Segue com uma crítica às instituições universitárias que, apesar de trazerem uma bagagem de debates e discussões, pouco falam sobre outros problemas financeiros, destacando sentidos subjetivos através de falas como: “isso dá um choque! Isso te machuca”. Esses sentidos subjetivos justificam profissionais que fazem “receitas de bolo” e cedem a uma lógica de mercado. Nota-se, precisamente, uma relevante produção subjetiva relacionada ao dinheiro, que é complementada no instrumento utilizado (complemento de frases):

“Participante: Dinheiro...necessário”

Os motivos que essa produção foi ganhando espaço em sua vida ainda estão desconhecidos, porém, transparece como relevante a sua preocupação com essa questão.

Para além disso, como pesquisador, achei importante conhecer como ele se definia como terapeuta com uma pergunta direta seguida de uma ampla resposta:

“Pesquisador: Você tem um ano e meio de formado, quem é o terapeuta Antônio? Como é que você descreve esse cara?

Participante: Eu tô me descobrindo ainda... interessante você perguntar isso! Porque quando eu fui falar com você antes, eu estava pensando: como que eu vou me apresentar hoje para o Ivo? A primeira vez que me apresentei, me apresentei como um aluno bem interessado, um aluno curioso querendo aprender a prática dele... do seu caminho... que eu também queria seguir e, hoje, eu me vejo ainda dessa maneira. Me coloquei em situações que me vejo voltado ainda na pesquisa e na tentativa de entender certos fenômenos que, para mim, é ainda claro e gostoso de se debruçar (apesar de fazer de uma maneira muito marginal), pois, não estou na universidade mais. Mas o terapeuta ANTONIO é uma incógnita ainda, mas é um terapeuta seguro! Eu me pressionei muito pela segurança que eu tive, apesar de alguns momentos de insegurança. Não por conta de não compreender o fenômeno, mas pela complexidade que o fenômeno humano se apresentou para mim...os pacientes em si né?! Foram demandas que eu precisei trabalhar com supervisão com colegas, que é parte da nossa profissão e, por isso, eu me sinto muito seguro! Mas eu acho que uma das características que eu estava pensando agora era que eu sou uma pessoa muito aberta como o psicoterapeuta em si e, também, sou muito direto, por

exemplo, teve uma situação que um paciente chegou para mim....eu acho que é por isso que eu não tenho muitos hahaha brincadeira!”

Antes de citar o exemplo destacado pelo participante, percebe-se uma discussão sobre seguranças e inseguranças envolvendo sua atuação. Ao se dizer seguro, também alega inseguranças. Representa, em sua fala, como os processos subjetivos são contraditórios. Primeiramente se coloca como alguém que está se descobrindo ainda e, na sequência, se apresenta como uma pessoa que permanece com propósitos semelhantes aos que tinha na faculdade. Complementa dizendo que faz isso de forma marginal (por ter saído da instituição), e conclui dizendo que é um terapeuta “seguro”. Se pressionou pela segurança e isso gerou inseguranças. A própria segurança, da forma como foi dita, é um tipo de generalização que transcende a condição humana, pois, inseguranças fazem parte da nossa subjetividade. Apesar dessa tentativa de colocar-se como seguro, sua busca para atingir esse objetivo veio com atitudes relacionadas à procura de supervisores para compreender melhor o “fenômeno humano”.

Ao final, existe um indicador importante que talvez tenha relação com o fator financeiro, citado em outros momentos (quanto a quantidade de pacientes que tem), quando diz: “eu acho que é por isso que não tenho muitos”. Parece que existe um conflito em seus pensamentos onde, se sente um terapeuta seguro a ponto de falar as coisas para seu paciente de maneira direta (mesmo que ele não dê continuidade ao processo), e uma crítica muito grande aos valores recebidos pelo profissional da Psicologia. Se preocupa com o que recebe e tenta manter o que acredita sem ceder a lógica de mercado, mesmo entendendo os profissionais que acabaram seguindo por esse caminho. Provavelmente, a sua busca por descobrir-se esteja aí. Existe uma segurança do terapeuta que é mas, ao mesmo tempo, descreve essa pessoa como uma “incógnita”. Ou seja, existe uma “segurança” por algo que ele não conhece, que é o próprio terapeuta Antônio. Dentro dessa perspectiva, trouxe um exemplo de um desses casos:

Participante: Por exemplo, eu sou muito aberto mas, eu sou muito direto para algumas coisas. Chega um paciente para mim e ele falou algumas coisas que assim, que me chamaram atenção! “Eu vim aqui porque minha esposa pediu! Eu queria saber como é que é...achei interessante! Eu gostaria de me aprimorar e gostaria de saber como é esse lance de psicoterapia, mas considero que não é algo válido”. Então, indaguei: “Qual é o sentido de você estar aqui? Você me falou uma porção de coisas e tudo mais mas, ao mesmo tempo que você disse, ignorou o fato de alguma coisa que, racionalmente, você considera importante para o seu crescimento.” E aí ele parou assim, e falou: “é meio doido isso e eu fiquei meio assim sem entender, você deve entender melhor do que eu, pois, é um especialista nessa parte. E eu queria que só você me falasse o que que você vê de mim”. Então falei assim: “Olha

eu só posso te dizer o que você me disse. Eu só posso falar para você as coisas que eu acho que você me disse e transparece. Eu não conheço você! Eu não posso chegar, olhar para você e fazer uma análise detetive de uma forma Sherlock Holmes e te dizer quem é você. Até porque eu acho que você está se descobrindo ainda... está aqui para o desenvolvimento pessoal. O que eu posso falar de você é que você tem um ideal de querer uma perfeição e que até agora não encontrou aí.” Esse cara nunca mais voltou...”

A sua fala retrata o conflito que possa estar vivenciando: de ser esse psicólogo que é direto mas, ao mesmo tempo, pode ser que tenha algum sentimento contrário quando destaca que a pessoa atendida “nunca mais voltou”. Por isso, perguntei:

Pesquisador: Uma pergunta sobre isso... o fato dele não ter voltado... te frustra ou você não dá a mínima? Você trouxe esse exemplo que talvez deve ter sido significativo mas, não sei se foi por esse motivo. Então, eu queria saber, exatamente, como você sentiu isso?

Participante: O fato dele não ter voltado eu não me senti mal. Eu me senti mal economicamente, pois, eu perdi uma grana. Perdi um cliente! É uma chateação! O terapeuta Antônio não se importa com isso... o Antonio do business, poderia ter tentado aumentar esse Imaginário dele e tudo mais, mas eu acho que era uma questão dele então tratei dessa forma. Talvez possa ter sido muito precoce pela primeira sessão. Foi algo que, posteriormente, foi discutido com outras pessoas e aí eu aprendi com isso. Isso foi bom! Mas uma parte de mim, como psicoterapeuta, não ficou assim chateado e tudo mais pelo fato que ele não estava lá para se conhecer. Ele estava lá para se mostrar, para debochar e para fazer um teatro. Já na minha visão de análise de como ele é f** e como ele entendia várias línguas...estava ali para satisfazer um desejo que era o desejo de transar com a mulher dele quando ele quisesse (na minha visão), pois, ele dizia: “a minha mulher tá aqui e a gente não tá mais se relacionando... então eu vim aqui por conta disso, mas eu não preciso disso (terapia)”. Quando eu terminei, eu pensei: “eu prefiro um paciente que venha querendo”.

O indicador sobre um possível conflito do terapeuta e das preocupações financeiras ganha corpo nessa resposta do participante, por ter se sentido “mal” pela perda do “business” mas “bem” pelo terapeuta. Um fator que chama bastante atenção também é a separação que faz da pessoa (ser humano) com o terapeuta, que pode ter influência de questões institucionalizadas pela subjetividade social, ligadas a postura como profissional dentro de uma ética. Porém, a ética não é uma entidade separada da pessoa, mesmo que tenha colocado dessa forma. Nossas produções subjetivas estão nessa tensão do individual e social e, precisamente, podemos trazer para a discussão desta pesquisa os conflitos presentes nos participantes a partir dessa tensão: do que se espera de um Psicólogo, de quem

ele é e, de que forma ele irá atuar. O participante está no momento de tentar essa descoberta. Não podemos afirmar que isso ocorre por ser recém-formado, até porque, os processos de desenvolvimento são instáveis e não-lineares. Logo, essa descoberta pode ser interminável (durante toda a carreira) conforme forem ocorrendo provocações na experiência vivida, como ocorreu com ele através desse atendimento, onde suas produções de sentidos subjetivos estavam envolvidas pela provocação feita e caracterizada pelo participante como “deboche” e “teatro” da pessoa que era atendida. Até o fato de colocar a preferência por determinados tipos de “pacientes” acende o alerta para uma nova possibilidade: dessa provocação ter gerado um impacto emocional nele mesmo. Essa questão reforça a crítica à neutralidade do Psicólogo, feita no decorrer da fundamentação teórica deste trabalho, e destaca a humanização do mesmo. Nesse atendimento, ocorreu uma briga de egos entre os dois, o que não significa um julgamento de certo ou errado para o que ocorreu, afinal, o ser humano transcende essa lógica e, por vezes, algo que parece extremamente estranho pode ganhar uma forma extremamente impactante para todos os envolvidos. O participante continua:

Pesquisador: Qual o papel do psicoterapeuta para você?

Participante: “Tava lendo o livro um dia desses do Yalom que é: mentiras no divã. E aí um dos personagens... ele fala bem assim: “eu vou tentar falar o máximo da verdade para os pacientes + a verdade sobre mim em relação a ele, para ver como é que é o processo”. E é muito interessante porque de fato acontece uma ligação muito mais humana do que aquela ligação mecânica, devanesca (se é que essa palavra existe) mas, do tipo o psicoterapeuta (pela vertente teórica do personagem psicanalítica) de que o cara é neutro e ele vai se posicionar mais para ferir o paciente ou para cavar, de forma arqueologicamente, de forma singela e minuciosa, para desvelar para ele as questões dele, sendo que, as pessoas quando chegam em nossos consultórios elas repetem muito tudo o que fazem no dia a dia. Por que de alguma forma nós somos humanos e representamos socialmente alguns papéis, sejam eles óbvios como o psicoterapeuta Antônio, que possui conhecimento técnico e científico... que está ali para fazer análise mas, depois disso, vira outra coisa... isso vira ao Antônio que tem características assim. Ele se comporta de um certo padrão assim quando ele não gosta do que eu fiz... ele faz assim isso... Vira já uma questão que se repete no nosso contexto social de como a gente se relaciona de como a gente lida com certas implicações, por exemplo: olha o Antonio foi autoritário aqui! Como é que é para lidar com questões assim? Como é lidar com pessoas assim? Quão e como é difícil para mim dizer não? Eu sei escutar? Eu acho que tem o papel da questão genuína de dizer e também saber como dizer. Eu acho que nosso papel tem muito sobre a questão da comunicação. O processo dialógico, na maneira como eu entendo, passa por esse processo de comunicação... que é um processo de comunicação que vem articulados junto a maneira verbal e não-verbal. Então tem esse lado eu tento

sempre ser humano e o pensar ser humano é pensar eu estou nessa relação de uma maneira autêntica. Eu preciso falar aquelas coisas que podem ser questões a ser trabalhadas e, na minha opinião, o psicoterapeuta precisa saber lidar com certas questões que às vezes ele não consiga dar conta e também saber dizer não, eu não sei!...”

O conflito que reaparece nesse momento diz respeito a figura do Psicoterapeuta como ser humano e os “papéis que representamos” quando atuamos. Mesmo fazendo uma crítica à neutralidade, percebe-se uma contradição quando relata que o papel do psicoterapeuta é “óbvio”. Historicamente existem divergências sobre os papéis dos profissionais da área e traz essa figura como: uma pessoa que tem conhecimento “técnico e científico” e que está ali para “fazer análise”. Ou seja, o papel do psicoterapeuta seria de “detentor do conhecimento” e, por isso, cabe uma crítica relevante nesse sentido, levando em conta que o papel deste profissional não envolve ser o “dono do saber”, mas de representar um outro ser humano, com sua própria configuração subjetiva e que participa ativamente no processo dialógico, em busca de facilitar novas reflexões que permitam gerar alternativas para os envolvidos, inclusive, o próprio profissional. Afinal, essas alternativas não dependem da intenção de gerá-las, mas de um processo dinâmico e espontâneo inerente ao próprio diálogo. Ao passo que, logo em seguida, nos coloca que existe o Antônio, com características singulares, ou seja, com suas produções subjetivas. Mesmo que o participante não perceba, existe a contradição de reconhecer-se apenas dentro da técnica de trabalho e da função de analisar o outro. Obviamente que, a própria escolha da “técnica” é permeada pela subjetividade do profissional, tanto que, cada um faz suas escolhas pela maneira que se sente diante da circunstância. Essas observações do participante são acompanhadas de diversas reflexões sobre seus papéis na sua vida e como lida com essas situações, destacando que, a questão da comunicação passa pela ideia de “como dizer”, o que traz um indicador de uma ideia relacionada ao autocontrole. Quando diz que precisa ser autêntico, o “controle” citado me chama atenção, afinal, como manter a autenticidade e ao mesmo tempo se controlar sob a forma de dizer? Como saber “como” saber falar? Antônio nos responde:

“Participante: Saber como falar é estar ressonante com aquilo que você é, estar ressonante com suas características epistemológicas de como que você entende o seu processo de psicoterapeuta com aquela pessoa. Por exemplo, no exemplo que eu dei para você, eu agi de uma maneira muito prepotente por que existe a prepotência ali no outro, isso foi na minha visão! Poderia ter feito de outra forma ali mas, por exemplo, se eu atendo uma pessoa que é muito passiva... Eu não vou usar essa prepotência nessa pessoa. Preciso estabelecer um meio de comunicação no qual devo tentar ter uma ressonância com essa pessoa. Por que às vezes essa pessoa, que é muito passiva, pode ter convivido

muito tempo com pessoas autoritárias e prepotentes. E aí a fala dela se perde e não se propaga no diálogo. Então devemos ter uma sensibilidade e adaptabilidade de comunicação com essas pessoas”.

Se saber como falar é estar “ressonante com aquilo que você é”, essa ideia de “adaptabilidade” me deixa intrigado como pesquisador, pois, parece que o sentido disso está ligado a uma “resposta” a forma do outro e, muito pouco, as provocações do terapeuta de acordo com suas características, intuições etc. Antônio cita novamente o exemplo do paciente que abandonou a terapia, critica a prepotência do mesmo e diz que agiu como resposta ao que lhe foi falado, complementando que, se ele tivesse outra atitude, seria diferente. Parece uma forma de enxergar a vida com um certo determinismo do meio e, o profissional, passa a representar alguém que responde às coisas que acontecem, atuando de forma leviana quanto a sua própria capacidade de agir nesse mesmo ambiente e transformá-lo. Essa inquietação foi acompanhada de nova provocação:

Pesquisador: Você falou sobre duas coisas interessantes: de ser o terapeuta que você quer ser e agora, no final, você trouxe um termo interessante... “adaptabilidade” a pessoa que te procura. Como você vivencia esse conflito do terapeuta eu quero ser, ao mesmo tempo, aquele cara que se adapta ao outro?

Participante: Respeitando o conceito que é o tempo. Eu acho que essa questão do tempo, que é o meu tempo de compreensão do outro mas também, o tempo do próprio paciente. Essa é a maneira que eu encaro: ter uma certa paciência e adaptabilidade. É no sentido de que, quando uma realidade é apresentada... como quando você lê um livro... aquilo é muito novo! Você não sabe o que esperar direito... Então você precisa sentar ali e ver como aquilo se mostra de alguma forma para você começar a pensar como uma pessoa reage em certas situações... E aí você vai confirmando isso! Vai tentando entender “ah você está me dizendo isso nessa situação”. Você faria como nas sessões atrás ou naquela sessão do ano passado? Você reagiria dessa forma assim? Eu estou errado? Me ajuda a entender porque houve essa situação que me pareceu contraditória/diferente... que te levou a agir dessa maneira diferente? Ou eu tô errado? Me ajude a entender então.” Eu acho que é respeitar esse tempo e esse tempo de adaptabilidade é o tempo que você tenta sentir uma sintonia entre aquela realidade psicológica e a realidade psicológica com as minhas limitações e a minha própria experiência como psicoterapeuta. E aí que está a questão do raciocínio clínico, esse lance do Antônio hoje, do Antônio psicoterapeuta que eu quero me tornar, é também respeitar o Antonio que eu quero ser. Ele ainda está sendo... está no processo de continuidade e que eu preciso aceitar meus erros também... acho que é questão de tempo, questão de adaptabilidade. É uma questão de sintonia e ajustando... sabe quando você ajusta uma rádio... você perde a rádio e ali você vai regulando e procurando a frequência certa achando ali a música certa? Essa sintonia muitas vezes ela perde, ela volta e, essa questão também do respeito consigo mesmo do psicoterapeuta.”

Esse esclarecimento da provocação feita pelo pesquisador trouxe informações importantes a serem compreendidas. O “tempo” parece ser primordial para que se conheça o outro “quando uma realidade é apresentada”. A sensação de um terapeuta que espera o outro para reagir ganha forma ao comparar com um livro, que você não sabe o que vai encontrar por ali. Porém, o ser humano, diferente do livro, ultrapassa qualquer limite de compreensão como diria Morin (2020):

“O caos não é anterior ao cosmo, ele é interior ao cosmo. Este não é apenas ordem: é dialógica permanente, retroativa e recursiva entre ordem, desordem e organização. Nele, o acaso, esse desconhecido, está onipresente. (p. 30)”.

Isso significa que a ideia da busca pelo controle pode ser ilusória e, mesmo que seja inevitável criarmos expectativas sobre um contato humano, esse contato terá momentos de ordem e desordem onde, os desdobramentos do processo são impossíveis de controlar. Mesmo com o conhecimento dessa impossibilidade, existe uma tensão com relação a questões institucionalizadas sobre o controle das coisas que historicamente se fez presente, inclusive, no modelo positivista de ciência. Esse modelo não surge do além, tem implicações de acordo com o momento histórico no qual surgiu e com objetivos de atender demandas de sua época. Essa questão não anula o fato de que, por estarmos em outro momento, a força dessa reflexão não estaria presente na nossa subjetividade social. Vemos controle na ciência, nas redes sociais, no trabalho, no tempo, na religião e em quase todas as nossas experiências. Isso reverbera na atuação do profissional como psicoterapeuta, não como algo que determina suas ações mas, como algo que influencia. Portanto, o profissional pode considerar sua capacidade geradora e, sua pró-atividade, consiste em agir de acordo também com suas convicções. O indicador de uma visão de controle por parte do participante, onde responde a atitude do outro, aflora e nos coloca em atenção na continuidade da dinâmica conversacional, quando completa no instrumento utilizado:

“Resultado positivo para meu trabalho... é quando consigo me sentir presente na realidade subjetiva do outro. É quando também consigo acompanhar o outro na nebulosidade do conflito e no bem estar e no êxtase de estar com a pessoa em desatar seus próprios emaranhados e reconhecê-los e compreender os processos de adoecimento. ”

A utilização de termos como “estar presente na realidade subjetiva do outro”, “acompanhar o outro na nebulosidade do conflito e no bem-estar” e “reconhecer e compreender” os processos de adoecimento estando junto com a pessoa para desatar os próprios conflitos da mesma; sinalizam uma possibilidade de alguém que se preocupa com o outro, mas que, por algum motivo, se **abstém** sobre essa questão do resultado na própria subjetividade. A falta de se colocar como alguém que também sente os possíveis resultados do processo para além de “se sentir presente na realidade subjetiva do outro”, nos remete a pensar que sua fala anterior se assemelha a essa nesse momento onde, o encontro

com o outro pode estar além do que relata e ser um ‘‘encontro comigo mesmo’’ a partir do meu contato com o outro e do outro comigo. O outro (que busca a psicoterapia) pode não sentir o que para ele representa os ‘‘resultados positivos’’ mas, para mim (profissional/ser humano), a representação de um ‘‘bom’’ resultado pode ser algo que transcende a perspectiva de quem procura o trabalho do psicoterapeuta e que pode ter desdobramentos no profissional e não ter em quem o procura. Os sentidos subjetivos de todos os envolvidos nessa relação nunca serão iguais e isso pode ser extremamente importante para que ocorram trocas e formas alternativas de subjetivação. Ao utilizar a palavra sintonia, surge uma dúvida no pesquisador:

Pesquisador: Sintonia a que você se refere seria o que exatamente? Porque quando a gente fala de sintonia dentro das relações... a gente reflete muitas ideias de... interesses em comum, por exemplo, um relacionamento amoroso... ‘‘Eu tenho sintonia com tal pessoa’’. Você pode entender a sintonia como algo diferente que posso acrescentar ou temos a sintonia de gostar das mesmas coisas... ou seja, existe a sintonia de várias formas.... No processo psicoterapêutico, a qual sintonia você se refere?

Participante: Essa é uma pergunta difícil... a sintonia a que me refiro não é a sintonia sobre interesses comuns mas creio que pode ocorrer, por exemplo, essa pessoa gosta de uma literatura que eu gosto também, isso vai me gerar um processo de atenção, com certeza! Não posso negar ou vou estar sendo neutro. Eu acho que no processo psicoterapêutico, como eu falei para você, ele mimetiza nossas relações como a gente tem no dia a dia. Vai mimetizar os processos de sintonia com os processos de interesse em comum ou falta de interesse mas, a maneira como a gente lida, por exemplo, eu não tenho interesse nesse assunto... eu preciso explorar esse assunto com essa pessoa e talvez, explorar isso, é algo que vai abrir esse processo de vínculo psicoterapêutico mais interessante... ao invés de sempre ficar ‘‘a culpa é da sua mãe por você ser assim’’... ‘‘me conta sobre sua infância’’. Seria melhor ‘‘me fale algo legal sobre seu dia’’ ‘‘ah não tenho nada para falar hoje porque não aconteceu nada de interessante’’ ‘‘me fala mais ou menos como é que foi sua semana então’’, ‘‘bom aconteceu isso ah isso não foi interessante’’ e ‘‘que legal vamos falar sobre isso’’.

A resposta sobre a pergunta relacionada a sintonia pareceu um pouco confusa, levando em conta que, segundo o participante, envolvem processos dos quais teria interesse e dos quais não teria, mas precisaria explorar isso pelo vínculo terapêutico. Será que, se o profissional identifica uma necessidade de explorar determinado tema para ampliar seu vínculo, por si só, essa atitude não seria um tipo de interesse? O próprio interesse em ampliar o vínculo estaria presente na subjetividade do psicoterapeuta e, justamente por isso, decidiu explorar. O participante deve ter se prendido a ideia do tipo de assunto que o outro trouxe para a sessão e pouco sobre o próprio interesse, que pode estar além da fala do ‘‘paciente’’. Percebe-se a possibilidade de ter interesses para além da fala, assim como ocorre

nos sentidos subjetivos, que devem ser observados para além do que é dito pelo outro. Talvez o participante tenha suas ações voltadas para atitudes de interesse próprio relacionados aos objetivos que considera ideais para a psicoterapia, mas não tenha consciência disso. Seguindo na dinâmica, entramos em um diálogo sobre assuntos “chatos” que surgem no processo onde, Antônio nos trouxe um exemplo:

“Já (atendi gente chata)! Certamente alguns casos me surpreendem, alguns tipos de pessoa, por exemplo, o chato que é o chato... que a história dele é uma p**... assim você fica pensando ‘Nossa que m**! Tá me dando sono!’” mas você já pensa assim: “Quando iremos começar isso?”. Foi até uma das coisas que eu falei com o cara que eu atendi (dos procedimentos operacionais minuciosos). Eu até falei para ele assim “quando a gente começar você me avisa né que aí eu vou ficar mais atento. Estou sabendo muito do seu trabalho”. Mas tem um chato também que esse chato é interessante... é o chato que interpela. Esse para mim, muitas vezes, incomoda! É um chato que esse é muito difícil de descrever para você...eu tô aqui tentando achar um exemplo... eu atendi um cara do tribunal. Ele é um advogado, bem boa pinta, parece f**! E ele tinha uma postura bem intelectualizada, meio cara do século 20. Assim, era um cara com 40 poucos anos... ele olhava bastante para mim. E aí numa das conversas, ele falou assim para mim: “eu percebi que nossa conversa parece uma conversa de bar” e aquilo me pegou de uma forma que eu fiquei p** para caramba! Porque eu venho e estou passando por um processo de reconhecer a desvalorização profissional! Nós não temos piso na Psicologia clínica! Isso é uma parte que depois eu comecei a me interessar... a politicagem, coisas públicas... e até entro mais no site do Conselho de psicologia e você começa a entender e se movimentar. Esse comentário pegou no núcleo e mexeu com várias outras coisas...quando ele terminou eu falei bem assim: “olha se você pensa que isso é uma conversa de bar e provavelmente você possa está desconsiderando toda uma leitura científica e técnica as quais eu estou aplicando aqui e você não está sabendo... a não ser que você leia mentes... mas existe todo um raciocínio Clínico sobre o que você disse. O que você diz é muito importante porque teoricamente os processos psicológicos eles não acontecem de uma maneira tão simples assim. Por isso existe minha profissão! Agora se você acha mais interessante sentar no bar e conversar com um amigo e acha que é mais terapêutico do que estar aqui comigo, eu até assino um encaminhamento para você fazer isso! Assim como encaminharia uma pessoa para ela ir ao parque caminhar, para fazer um yoga ou para fazer qualquer outra coisa! Mas, se você acha interessante conversar com seus amigos ou com uma mulher conhecida... tudo bem! Eu estou aqui. Por que você quer que eu esteja aqui e você está pagando pelo meu horário, se você quiser acabar agora... nós acabamos e eu não vou ficar chateado da gente terminar isso”.

É possível perceber que, a fala sobre seu trabalho, produziu sentidos subjetivos significativos na sua singularidade, relacionados a se sentir desvalorizado dentro de sua profissão e, ao mesmo tempo, perceber a necessidade de se defender ao se sentir atacado pelo seu “paciente”. Valorizou seu próprio interesse, diferente do que pareceu no relato anterior, onde fala sobre os assuntos do outro. Por outro lado, quando destaca o perfil do paciente como alguém “boa pinta” e “intelectual”, pode ser que tenha se sentido intimidado a provar seu valor desde o início, desencadeando essa resposta a provocação feita sobre “conversa de bar”. A subjetividade social presente em observar certas características de uma pessoa baseada em estereótipos e se sentir pressionado por isso, parece se fazer presente. Essas características envolvem o lado intelectual de quem está buscando conhecer o trabalho do psicoterapeuta. A partir do momento que o terapeuta é o dono do saber, o encontro com alguém inteligente pode gerar uma provocação para o profissional, seja consciente ou inconsciente. Mesmo com essa dúvida quanto aos sentidos subjetivos envolvidos nesse encontro, percebe-se um profissional engajado em defender sua profissão, disposto a manter sua ética e, vivendo um conflito sobre diversas questões relacionadas a quem é enquanto psicoterapeuta e se suas atitudes devem permanecer da mesma forma, conforme podemos perceber na sequência:

“Participante: Mas obviamente são coisas que imagino: Será que eu tenho que trabalhar isso? Se eu tenho que repensar nisso? Ou não eu preciso pensar como uma questão de autoanálise para verificar se esse é meu ponto fraco? Será esse aí é o meu limite ou, se foi bom terapeuticamente? Faz muito sentido que você (pesquisador) disse... a questão de como a gente vai se cobrando né.. como psicoterapeuta e tudo mais..”

Sua postura diante da sua atitude foi de refletir bastante sobre o que aconteceu. Essas reflexões abrem espaço para um Psicoterapeuta que considera a possibilidade de superar o próprio pensamento e, com isso, encontrar outras formas que possibilitem mudanças de sentido subjetivo. Apesar de acompanhado de uma auto cobrança, a possibilidade de questionar-se, parece um dos caminhos para avanços na Psicologia e no próprio campo das psicoterapias. Descreve algumas atitudes dele como “impaciência” ao se explicar para uma amiga:

Participante: Só para comentar esse final... tem uma amiga minha que falou bem assim "Antônio, quando você é psicólogo, você treinar a paciência. Por isso você dá conta dessas questões psicológicas pessoais. Eu respondi: “P** nenhuma! Eu nem tenho paciência! Eu não sou um Buda e não sou Jesus Cristo, entendeu?” A pessoa coloca o psicólogo como se fosse um Buda!

Sua reação de indignação, reflete sua postura diante do seu atendimento do advogado (utilizado como exemplo) onde, se permite demonstrar alguns de seus sentidos subjetivos durante seu movimento de atender dentro da Psicologia Clínica. Em alguns momentos destacou sobre a ideia de controle e,

nesse caso relatado, se permitiu demonstrar seus sentimentos para quem o procura. O que ele entende como “controle” será conversado no decorrer da pesquisa.

Eixo Contradição, comunicação e controle

Caso Antônio

Começa aqui uma dinâmica onde o pesquisador não precisou perguntar nada de forma diretiva e, de maneira despretensiosa, o participante faz diversas colocações sobre nossos diálogos anteriores. O que nos mostra como funciona a dinâmica conversacional e a liberdade proporcionada ao diálogo entre os envolvidos. Surpreende que, a colocação do pesquisador nada tem a ver com a resposta do participante, que tinha outras preocupações:

Pesquisador: Fala Antônio! Hoje a gente está quase combinando cara, parece que combinamos com a cor da camisa. E aí cara, como você está?

Participante: Eu estou bem, está tudo tranquilo! Nada de mais assim! Mas cara, eu pensei muito esses dias no que a gente estava discutindo e acho que pode até ser um material para sua análise. Eu acho interessante, porque me veio uma necessidade de dizer o seguinte: muita coisa que eu disse provavelmente eu nem lembro, mas veio a necessidade de falar assim cara. Eu não sei se eu tive uma postura meio como se fosse uma instrumentalização da psicoterapia com os exemplos e com minha postura da forma como eu agiria e tudo mais, até porque é a minha maneira de manejar uma certa situação e também uma maneira baseada em uma postura tanto filosófica e epistemológica de como eu entendo esse processo de psicoterapia, que é a partir um processo dialógico. Então eu senti a necessidade de justificar isso pra não parecer que eu estou universalizando a maneira de se portar e tudo mais. No meu ponto de vista, a psicoterapia parte principalmente de uma relação com outro e isso muda, porque a gente tem uma formação que a gente é treinado a perguntar, treinado como se pergunta, treinado como você deve investigar e explorar o fenômeno psicológico. Não é à toa que existem métodos científicos, pra quando você faz isso, pra se porta-se. Em outros lugares como EUA e Europa (acho que aqui no Brasil também), eles colocam procedimentos de como você deve seguir, de como você deve perguntar, como não, esse tipo de coisa. E aí era só isso mesmo que eu queria falar, acho que seria interessante pro fenômeno que você está estudando também pra enriquecer seu trabalho, que eu achei interessante essa minha postura porque me peguei pensando “será que eu falei alguma m****” assim, no sentido de bom profissional e mau profissional e eu pensei “M***** será que eu me portei contraditoriamente?” Eu me veria como um mau profissional, porque eu acho que eu sinto a

necessidade de me justificar um pouco melhor as minhas posturas, no sentido de não universalizar e instrumentalizar esse tipo de prática.

Sua manifestação retrata o impacto que os outros encontros tiveram em suas reflexões e também nos ilustra um cenário onde se preocupa de parecer um profissional ruim sobre as próprias contradições que venha a ter apresentado. Continuando nessa linha, a própria percepção de bom ou mau profissional é complicada sob o ponto de vista da pessoa, que está inserida em uma sociedade que julga dessa forma. Esse julgamento está enraizado e ao mesmo tempo pode dizer “tudo sobre nada” afinal, por mais que pareça óbvio o que seria bom ou ruim, os critérios de análise não ficam claros dentro de uma sociedade e, por isso, pode se transformar em uma armadilha na configuração subjetiva individual. Para Antonio, esclarecer as possíveis contradições significa ter consciência de que elas possam ter existido e, ao mesmo tempo, uma necessidade de querer mostrar seu valor para o pesquisador, assim como ocorreu em alguns atendimentos citados por ele como exemplo. O pesquisador continua:

“Mas você tem essa preocupação, assim, ou do que eu enxerguei ou do que você possa enxergar? Por que quando você está falando sobre isso, a gente que é da terapia sabe, isso fala mais sobre você do que sobre mim, por que a gente não chegou a dialogar sobre isso... porque você acha que seria possível pensar isso de você, e porque pensar isso de você seria uma coisa negativa? Se é o que estou entendendo...”

Como pesquisador, senti a necessidade de provoca-lo. Primeiramente, senti que estava preocupado em se justificar sobre possíveis interpretações que eu havia feito e, no segundo momento, senti que deveria devolver suas próprias reflexões para que ele pudesse se entender melhor. Por isso, fiz essa pergunta que, prontamente, foi respondida:

“Eu acho que sim! É uma coisa mais minha no sentido de querer mostrar exatamente como que eu penso sobre o que estou querendo dizer, ou como, sei lá, acabar soando uma coisa e dizendo outra: “olha ele disse isso, mas quando fala uma praticidade no contexto que ele está atuando ele deu uma resposta que não soou muito parecido.” Como eu não lembro do que falei exatamente né, porque todos esses nossos encontros me fazem pensar sobre minha postura, então ontem mesmo estava pensando: ‘Será que essa minha postura aqui, foi uma postura que eu falei pro Ivo que seria interessante?’ Aí eu comecei a pensar numa série de coisas. Por que eu lembrei de você falar bem assim: ‘Talvez eu me pego em contradições, e é normal a gente se perder nas contradições’, aí pensei: “será que estou contraditório em alguma coisa? Eu não quero transparecer isso, é algo meu mesmo, por isso estou justificando isso, e essa justificativa eu acho muito interessante.”

Respondi, seguindo com pequenas provocações para que pudesse entender melhor:

“HAHAHAHA, eu estou achando interessante demais, no bom sentido. É porque a dinâmica conversacional... ela tem que ser livre mesmo. Então eu achei interessante, porque eu nem perguntei nada e você foi falando isso, e mostra a liberdade do diálogo, a liberdade de se posicionar, e não só isso, também a liberdade de cair em contradição! Pode acontecer! Eu ou você! E aí você começa a ter um conhecimento sobre você, que eu acho que vai muito além da própria profissão... do que a gente faz e tal, e até mesmo essa vontade de se justificar fala sobre você. E eu queria te perguntar justamente sobre isso, o que lhe veio à cabeça quando você percebeu?”

O participante respondeu:

“Antes de entrar na reunião, eu pensei: eu tenho que falar isso com o Ivo, e eu tive essa postura, foi um pensamento que veio assim do nada. Aí pensei assim “Caraca! se eu me pegar em contradição?”, eu acho legal você se pegar em contradição porque a gente aprende, mas é desprazeroso pra mim. É como se soasse como uma falácia! Você citou algo referente a relações amorosas e veio esse exemplo aqui pra mim, quando a gente fala assim pra pessoa ‘ah! eu te amo!’ ou quando você escuta isso mas aquela fala não condiz com o que se sente, e aí essa necessidade de me justificar é porque eu acho o meu pensamento muito confuso em algumas coisas e um pouco acelerado. E essa necessidade de me justificar e saber que acuradamente o outro me compreende de alguma maneira, e eu gosto de me sentir compreendido quando estou numa linha de raciocínio, e às vezes eu também sou meio confuso, quando eu escrevo e depois vou ler. Então muitas vezes tenho que revisar pra caramba, mas a necessidade justificar e fazer isso, porque as vezes o que eu sinto quando consigo passar a mensagem como eu acho que ela tem que ser passada ou como acho que ela deveria ser, ela pode soar dúbia de uma maneira muito óbvia, por mais que a gente saiba que a comunicação tem uns ruídos, eu tento minimizar esses ruídos ao ponto de organizar a pessoa na linha de raciocínio que eu estou seguindo. Por isso que muitas vezes quando a gente conversa eu falo ‘não sei se você me entendeu’ e eu tento meio que até fazer esse esquema de receber uma confirmação de que foi entendido e tudo mais.”

Sua preocupação com a opinião do outro sobre si mesmo demonstra uma inquietação: de que a mensagem que passa seja compreendida e entendida como não contraditória. A própria contradição em dizer que “acha legal ser pego em contradição” mas, ao mesmo tempo, expressar que é “desprazeroso” quando isso acontece, reflete que se preocupa muito com essa forma instável e, conseqüentemente, contraditória, que está na essência da subjetividade humana e que, esse “aprendizado” de se perceber como alguém com essa característica (de se contradizer), não parece tão significativo assim como relatou. A orientação de uma análise, principalmente pelas palavras, ganha espaço em detrimento de uma linguagem não-verbal e de uma produção de sentido subjetivo que ocorre de forma inconsciente. Mais do que as palavras utilizadas pelo participante, existe a atitude de

expressar-se verbalmente antes mesmo de ser perguntado, de ter medo e de inseguranças quanto a possíveis contradições. Portanto, a partir desses indicadores citados, parece uma “armadilha” seguir nesse propósito e, por isso, veio a seguinte pergunta (logo em seguida a resposta):

Pesquisador: Mas você sente ou percebe alguma armadilha nisso? Pensando no atendimento vamos supor.

Participante: Sim, Sim! Pra caramba! Muitas vezes, por exemplo, tem uma coisa na relação terapêutica que, não adianta, por exemplo, falar ‘Sublime é uma pessoa que não conhece a palavra’ por exemplo, um adolescente, se eu falar “você passou por uma situação sublime”, ele vai olhar e falar: ‘Que p**** é essa?! Como assim?’ Melhor você falar você passou por uma situação bem legal.

Relata, anteriormente, que ficou com receio de instrumentalizar a Psicologia pelos exemplos utilizados e, percebe-se que, mesmo destacando esse incômodo, segue utilizando desse mecanismo para explicar sua forma de pensar e agir diante da profissão. Nesse momento, também foca na linguagem verbal que, sem dúvidas, tem sua importância na Psicoterapia, porém, parece ser algo crucial em que o participante se cobra com bastante frequência. Esses sentidos subjetivos geram cobranças na sua atuação e, essas cobranças, podem ajudá-lo a crescer ou prejudicá-lo, dependendo de como vive essa experiência. Antônio continua:

“E aí eu acho que sim! É uma armadilha porque no meu caso, até quando a gente vai se apresentar, de alguma maneira, eu tento manter uma postura de mais profissional possível e fazer uma comunicação correta em relação se a pessoa entendeu, sobre como funciona, como eu trabalho, como que são as possibilidades no caso de falta, atraso. Então eu tento manter uma postura bem formal principalmente no começo dos atendimentos, obviamente, dependendo de algumas pessoas. Meu público maior são pessoas mais velhas, na faixa etária de 35 a 50 anos, então são pessoas que pessoalmente já possuem uma postura muito profissional, e aí eu tento manter essa postura em algumas situações. Obviamente, no decorrer da relação isso vai se transformando, e um dos indicadores que eu vejo que a terapia está fluindo ou não, em casos que teve uma descontração em algum momento, uma conexão ou uma ressonância interessante. Às vezes sou meio prolixo em algumas coisas e gosto muito de metáforas. Então às vezes faço algumas metáforas meio poéticas assim... que eu vejo soam mais pro meu prazer em dizer aquilo do que pra pessoa”

O maior destaque em sua fala está na subjetividade social presente, desde destacar o que seria uma postura “mais profissional”, até suas crenças sobre pessoas de determinada faixa etária com determinados tipos de posturas. Novamente acontece uma certa “adaptabilidade” mas, nesse caso, ao final, nos pontua algo interessante quando diz que gosta de utilizar metáforas que soam mais pelo seu

prazer do que pela pessoa. A inquietação está nessa vontade de ser entendido, o que se torna complicado em diversos momentos levando em conta que existe outra pessoa envolvida no diálogo:

Pesquisador: Como você sabe que o outro entendeu exatamente o que você quer que ele entenda?

Participante: No contexto da parte da psicoterapia. Em questão de metáforas, quando eu uso alguma metáfora ou analogia (que é coisa que eu sempre faço), pois, eu acho que é um tipo de estratégia que num ambiente de comunicação é fértil e nutritiva pra pessoa abstrair e, quando ela abstrai, vem uma série de questões que vai além de uma racionalização propriamente dita, por que dá um choque na pessoa. Nesse sentido, não precisa que ela entenda exatamente o que eu entendi, eu preciso que aquilo ali pelo menos afete ela. Se eu consigo afetar a pessoa... pra mim beleza! E se aquilo gerou desdobramentos de pensar ou associar isso com alguma experiência que ela teve, ou ‘caraca isso me fez refletir sobre isso ou aquilo!’...ter novas maneiras de pensar sobre aquilo que aconteceu. É assim que eu vejo, não que a pessoa tenha que me entender de uma maneira acurada, mas sim de que aquilo de alguma maneira afetou ela a ter reflexões e desdobramentos que ela às vezes não tinha e que ela teve naquele momento, pra digerir melhor as situações.

Entendendo a psicoterapia como um espaço de provocações e reflexões, surge uma situação onde nos demonstra que entende esse espaço dessa maneira e que, aquele indicador de que está focando na maior parte do tempo nas palavras, pode estar sendo modificado, pois, ao ser provocado sobre a “armadilha”, mostrou uma outra forma de pensar onde se preocupa com questões para além da racionalização de quem o procura. De um lado tenta ter uma comunicação e uma preocupação em ser entendido a ponto de “fazer esquema” caso seja necessário e, de outro, utiliza de metáforas para que o outro possa compreendê-lo além da própria mensagem que quis passar. A metáfora se torna um importante recurso que se utiliza para lidar com esse conflito.

Sua forma de se expressar, destacada como “comunicação correta” em um dos seus comentários (citados), deixa a grande dúvida:

Pesquisador: Isso seria a comunicação correta?

Participante: Acho que a comunicação correta ela perpassa em afetar o outro, afetar não quer dizer positivo ou negativo. Mesmo que a pessoa fique com raiva, como já falei pra você, a gente não está aqui pra falar o que a pessoa quer ouvir, às vezes você fala(...) Então eu acho que uma boa comunicação é aquela que te afeta.

Pesquisador: Você falou que afeta o outro né?

Participante: Sim.

Ao falar sobre uma comunicação “correta”, cita que seria aquela que afeta o outro, o que demonstra uma preocupação com um diálogo onde a emocionalidade se faz presente para além do

racional. Mesmo assim, será que o diálogo afetaria o Psicólogo? De que forma? O que ele entende por “afetar”? Será que é importante que ele se afete também?

“Participante: Eu acho que quando a gente tem um processo de comunicação que afeta o outro...aquilo repercute em si antes de eu dizer. Antes de eu dizer alguma coisa, uma série de fragmentos em mim, que é esse pensamento psicoterapêutico, que a gente acaba desenvolvendo... que é buscando certos elementos que são temporais e atemporais. Atemporais no sentido que você faz uma evolução ali da pessoa que você está atendendo, e você vai pegando pinceladas da personalidade da pessoa que você vê certos graus do mesmo. Por exemplo, hoje eu tive uma paciente que me contou diversas experiências que ela teve, uma mulher de 50 e poucos anos e até já comentei sobre ela com você. Ela começou falar o que queria, que queria desenvolver melhor no trabalho, que gostaria de desenvolver melhor a postura dela em relação aos outros, por que ela se acha muito impulsiva e acaba falando coisas que machucam as pessoas sem que ela perceba. As pessoas já falam mal dela num contexto de uma hierarquia maior, e ela tem um namorado, e com o namorado ela consegue pensar duas vezes e ter uma sensibilidade de falar com ele, que no ambiente de trabalho não tem e gostaria de desenvolver. Ela falou que o namorado dela ficou com ela, pois, ele está tentando desenvolver certas características nele, pois, ele tem transtorno de ansiedade e fica muito ansioso no relacionamento, e ela está ajudando ele. E aí ela falou em uma das sessões passadas ‘uma das coisas que eu queria desenvolver em mim, era possuir uma sabedoria para me portar em certos contextos’ e aí, hoje, eu falei pra ela ‘o que você está falando me lembra de algumas sessões anteriores da sua necessidade de você querer ter o controle sobre certos pensamentos antes de dizer, ter essa capacidade de inibir, e aí você está conseguindo. E o interessante que você faz isso na sua relação, você desenvolve isso, da mesma maneira que seu namorado disse que está tentando se desenvolver em você...treinando pra desenvolver certas características parece que você evolui, e de alguma maneira eu sinto que você consegue perceber essa evolução. De conseguir controlar esse seu pensamento antes de dizer, porque você faz isso, você já me disse isso aqui várias vezes’. E aí ela falou “nossa isso é verdade!”. Ela começou a ficar com um êxtase maior, pensando “(...) eu nunca tinha parado pra pensar nisso!”. Porque o medo dela é ter uma postura na qual ela não se reconheça... na qual ela sobreponha seus próprios valores de si e de identidade (...) Esse foi um dos exemplos. E aí o que eu quero dizer com isso tudo, quando ela foi falando isso... foi me afetando ao ponto de eu conseguir fazer essa linha de todas as sessões que eu tive com ela, das necessidades e queixas que ela trouxe pra mim, de que aquele ponto ela não estava conseguindo perceber de que, em outros contextos, ela consegue fazer isso.”

Novamente o fato de citar exemplos mostra uma contradição dentro de sua própria preocupação de se justificar em cima desses atendimentos e que, logo no início desse encontro, relatou sua

preocupação em “instrumentalizar a Psicologia”. Neste exemplo, cita um caso que percebe que teve um “resultado satisfatório”, o que pode trazer sensações de aumento do seu valor como profissional. A maneira que o afeta ocorre devido a sua percepção de que conseguiu fazer uma “linha de todas as sessões” que teve com ela e das “necessidades e queixas” que ela lhe trouxe. Talvez ele tenha uma preocupação de escutar a si mesmo como destaca:

“Escutar a si mesmo... é imprescindível para ser um bom psicoterapeuta.”

Porém, seu pensamento, por vezes, parece confuso e, como o próprio participante descreve, “acelerado”. Existe uma dificuldade de acompanhar suas próprias reflexões e de se escutar e perceber essas contradições. Mesmo quando as percebe (contradições) e se preocupa em falar sobre isso para o pesquisador, não se lembra do que disse, mas se justifica mesmo assim. De um lado existe um comentário consciente de que, para ser um bom Psicoterapeuta é “imprescindível” escutar a si mesmo mas, de outro lado, de maneira inconsciente, percebe-se uma dificuldade em executar esse processo de forma que suas produções subjetivas encontrem alternativas para avanço das reflexões em torno das suas contradições. Contradições essas que ele mesmo nos coloca que é “desprazeroso” senti-las. No próprio exemplo do atendimento da mulher de 50 anos, foi tranquilo dizer que o afetou, pois, não encontrou esses conflitos nesse caso, diferente do que ocorreu com o advogado, onde não utiliza a linguagem de dizer que o “afetou” mas que, nitidamente, ganhou espaço em suas produções de sentido subjetivo. A diferença entre um e outro está no valor que recebeu de ambos. Sua dificuldade de lidar com seus próprios conflitos como psicoterapeuta aparece em diversos momentos e isso gera, novamente, uma dúvida sobre o controle que tenta ter de si mesmo e como isso pode ou não prejudicá-lo. Portanto, surge a grande dúvida:

Pesquisador: Eu queria te perguntar uma coisa, você usou essa palavra agora, não tem um pouco de uma ideia de “controle” nisso? E se tem? Isso é bom ou ruim pra você?

Participante: Eu acho que o controle é muito bom! Sentir controle é bom! Sentir que você está de alguma maneira... seus pensamentos estão muito bem orquestrados, sentir-se assim é uma característica boa! Às vezes eu acho até uma crítica repugnante: ‘você tem que deixar a vida levar!’. Não cara! Você tem que ter controle sobre determinadas coisas da sua vida! Você tem que ter uma certa noção das coisas que você faz da sua vida! Você não vai chegar e falar ‘deixa vida me levar, vida leva eu’. Eu entendo a filosofia e acho muito bom o pensamento filosófico, mas, num contexto clínico, se você faz isso, você tem certas repetições, por isso, eu disse que o controle é bom. Você ter controle sobre seu modo de pensar epistemologicamente e de se portar como profissional, isso é bom! Você demonstrar segurança pra pessoa que você está atendendo é bom! Porque se não a pessoa vai ficar desacreditada dela mesma, porque ela precisa de alguém que confirme as vezes certas coisas pra ela

sobre ela. (...) Então falar e obter certas afirmações que demandam algum controle de pensamento, de uma necessidade de maturação em relação a você mesmo. E aí a gente fala da gente (psicólogos), por isso é importante está fazendo algum acompanhamento e ter colega pra você trocar uma ideia, porque nisso você vai esbanjar certos controles, em situações clínicas de uma comunicação que muitas vezes não é clínica mas é de negociação, de mostrar o trabalho: “olha eu atendo assim eu cobro assim!”. Lembrando que eu até falei pra você cara! ‘Ivo eu tenho vergonha de cobrar cara’. “

A importância dos pensamentos estarem “bem orquestrados” e de manter o controle sobre isso, ao mesmo tempo em que, reconhecer seu pensamento acelerado e sua dificuldade de expressá-los; indica que o controle que tanto almeja o prejudica a perceber a si mesmo de maneira mais detalhada e encontrar novas formas de subjetivação, onde ocorram avanços em suas reflexões. O controle, para ele, vem acompanhado de um exemplo no outro extremo onde, precisaria deixar “a vida me levar”, e não algo que poderia envolver uma busca por um equilíbrio (por mais utópico que seja atingi-lo de maneira integral), mas a tentativa de fazê-lo não está descrita até o presente momento. A cobrança por demonstrar “segurança” para quem está atendendo, o faz se controlar e achar que pode ter o controle sobre o outro. Essa ideia é permeada pela subjetividade social sobre como devemos nos portar como profissional (formalidade, vestimenta, seriedade, etc) e, falamos pouco sobre a subjetividade individual, que me permite ser mais humano no sentido de ser um gerador e não só gerado pelo social. A responsabilidade que atribui ao terapeuta de permitir com que a pessoa que procure seus trabalhos se sinta menos “desacreditada” com ela mesma, pode ser compreendida como um poder exagerado do Psicólogo Clínico, de mudar o outro a partir do seu conhecimento hierarquicamente superior. O processo psicoterapêutico não precisa ser, necessariamente, um espaço de mudanças e, nem mesmo o profissional precisa atribuir um valor ao seu trabalho de “fazer o outro acreditar nele mesmo”. Muitas vezes, o espaço terapêutico representa um momento dialógico com desdobramentos diferentes e que podem ter como objetivo, por exemplo, um momento de ter uma conversa sobre a vida ou mesmo um acolhimento. Não existe um controle, como defendia o positivismo, que possa garantir ou mesmo uma fórmula que levasse alguém do ponto A para o ponto B de maneira pragmática. Quando o profissional se cobra algo nesse sentido, pode vivenciar diversas frustrações. O recurso que utiliza para lidar com essas questões é o de conversar com outros colegas de profissão, mostrando que existe uma proatividade mesmo diante dessas dificuldades. O psicólogo mais humano é colocado em pauta:

“O psicólogo deve ser... criativo, resiliente, curioso, humano consigo mesmo, pesquisador, ético, atento, sincero e às vezes não ser psicólogo.”

Neste complemento de frases, respondido via e-mail, revela respostas racionais e intencionais e, algumas de suas ações serão para além da intencionalidade. Não somente com o Antônio, mas

também com quaisquer seres humanos, inclusive o próprio pesquisador. O fato de trazer respostas racionais, não significa que devemos desconsiderá-las, até porque, no mesmo instrumento, escreve:

“Me sinto culpado... toda vez que me percebo errar”

A sua percepção dos próprios erros como algo que produz sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de culpa, sua ideia de controle diante de quem o procura muito relacionado a como se portar e se comunicar, sua colocação sobre seus próprios pensamentos e contradições e, sua percepção que o Psicólogo deve ser mais humano “consigo mesmo”; demonstram que sua dificuldade de falar conscientemente sobre quem é como psicoterapeuta faz total sentido. São diversos conflitos vividos em sua experiência onde apresenta dificuldade de enxergar seus erros e tem uma necessidade de provar seu valor através dos casos que atende. Até a dificuldade de cobrar (financeiramente) pelo seu trabalho que, segundo ele, existia em seu passado, está associada ao valor que atribui ao que faz.

Por fim, o pesquisador, ao perceber que o participante falava muito da contradição do outro no contexto de seus atendimentos, resolveu interpelar:

Pesquisador: Uma última pergunta, sobre contradição, eu fiquei curioso com uma parte. E se o paciente percebe uma contradição em você e te fala, o que você entende disso, como acha que sentiria?

Participante: Nunca aconteceu isso, mas quando você falou me deu um desejo que acontecesse agora.

Pesquisador: hahahahah muito bom.

Participante: Teve um paciente que foi ativo e me interpelou na relação, me chamou junto. Ele falou sobre uma ex-namorada, depois continuou falando da atual, só que essa ex-namorada dele... eles ainda têm algum tipo de relação e consumo. E ele sempre recorre a ela em certas situações que ele está um pouco mais reflexivo ou inseguro para algumas coisas. Ela é uma menina muito sábia, fala umas coisas que eu fico impressionado. E aí eu troquei o nome da ex com a atual, ali ele apontou ‘olha um ato falho’, eu comecei a rir, e perguntei a ele: “você quer saber os motivos que podem ter implicado isso?” Ele disse que sim! Falei: “Eu troquei o nome das duas porque você, sempre que está vulnerável, recorre a ela! Você parece sentir um cuidado em relação a ela que você não tem com sua namorada e é super interessante. Então quando você falou eu senti que você teve uma relação de enamoramento maior aqui, nesse instante, do que com sua namorada.” Aí ele começou trazer algumas coisas, já era fim da sessão, eu falei: “vamos guardar isso aí que a gente conversar na próxima sessão.”

Pesquisador: Por que você gostaria que acontecesse a contradição? Fiquei curioso.

Participante: Porque eu acho interessante, porque eu entro na relação com uma vontade a mais, eu me sinto mais presente quando o paciente me faz entrar em contradição”.

Os nossos desejos nem sempre revelam o que efetivamente queremos de forma intencional e, nessa situação, Antônio gostou de imaginar que alguém que o procurasse, para seu trabalho como

profissional, percebesse uma contradição nele e, não só isso... Até descreveu como se sentiria se acontecesse: “eu entro na relação com uma vontade a mais, eu me sinto mais presente quando o paciente me faz entrar em contradição”. Na verdade, se for prestar bastante atenção em sua fala, acaba confirmando que já aconteceu. Pode ser que, quando tenha imaginado o cenário, sentiu os acontecimentos como reais e acabou falando dessa maneira ou, simplesmente, vivenciou essa situação e de alguma forma reprimiu isso de sua vida. Essa repressão não é descartada levando em consideração que, no seu exemplo, o “paciente” percebe seu ato falho e sua justificativa é dizer que, só cometeu essa troca de nomes, por conta de questões do próprio paciente. Ou seja, fez uma devolutiva para o outro e não parou para pensar que a troca feita por ele, diz algo também sobre sua vida e sua subjetividade, mesmo sendo a história de outra pessoa. Provavelmente, por isso, escreve:

“Minha profissão é... desafiadora, assistencial e coadjuvante.”

O papel de coadjuvante e de assistente parece de alguém que não se sente inteiramente presente no diálogo com o outro e com si mesmo.

Eixo neutralidade do Psicólogo

Caso Antônio

O participante relatou diversas situações onde o controle se fez presente e, por isso, surge a curiosidade sobre como a construção histórica da Psicologia baseada na neutralidade é vista por ele em sua atuação. O mistério em torno do que ele tem a dizer sobre isso surge, inicialmente, com uma pergunta derivada da continuidade do nosso diálogo:

Pesquisador: Qual é a fronteira entre controle e neutralidade?

Participante: Primeiro não há neutralidade! Porque o próprio controle já tem uma perspectiva sua, por isso que falei, ‘mesmo que você ache que esteja no controle’ o importante é sentir-se no controle mesmo que elas não estejam. Uma coisa é você sentir-se no controle, a outra é você de fato está controlando uma situação. Sentir-se no controle é importante porque a gente manifesta certas questões, a gente tem uma imagem pros outros.

Pesquisador: Sentir-se no controle do outro, de si mesmo, da sessão... de tudo isso... do que?

Participante: Eu acho que o mais importante é o controle de si mesmo. O controle de que você tenha ali uma orquestra harmônica do modo de você pensar epistemologicamente. Porque se não eu faço da comportamental uma psicanálise! Coloco teoria da subjetividade com análise do comportamento, coloco uma série de filosofias e depois envolvo constelação familiar. Acho que isso é o controle! Acho que você se sentir controlado em relação a isso ajuda você estar bem pra atender uma pessoa. Outro exemplo, às vezes a gente não se sente no controle de atender uma pessoa por uma série de coisas que

a gente está passando pessoais, ou um término de relacionamento, ou briga familiar, ou briguei com chefe. E você não está se sentindo no controle ali, porque você está pensando em controlar outras situações, ou seja, você não está presente ali pra ouvir a pessoa, você está distante totalmente, então o controle tem uma característica relativamente estável, você de fato nunca vai estar num controle totalitário, você vai estar na maneira de sentir-se com o controle, mas o mais importante é que em suas perspectivas clínicas e teóricas e epistemológicas estejam ressonantes e harmônicas com a maneira de você pensar o fenômeno psicológico que a partir daí você vai ter esse controle relativamente estável, da maneira como sinto em algumas questões.”

Percebe-se que, ao invés de falar sobre a fronteira entre neutralidade e controle, nega o primeiro e se justifica no segundo, respectivamente. Justifica o controle negando o próprio controle, porém, com uma explicação relacionada a sensação de senti-lo, mesmo reconhecendo sua inexistência de maneira geral. Sua alternativa encontrada para lidar com momentos complicados de sua vida, para que isso não tenha interferência com o momento terapêutico, é de uma certa rigidez teórica, onde controla seus pensamentos e permanece “relativamente estável”. Esse controle envolve o conhecimento sobre a Psicologia e seus campos teóricos, onde acredita não haver possibilidade de interação entre as diversas linhas teóricas. Dentre as teorias citadas, temos a teoria da subjetividade (que orienta este trabalho), a qual, nunca teve o intuito de ser uma escola de pensamento e, justamente por isso, dialoga com outras teorias, não como uma concordância dogmática mas, com um senso crítico que permita abranger e superar diversas formas de pensar dentro do campo. Enxergar a teoria isoladamente gera dogmatização e entra em um jogo de poder que faz parte da Psicologia. A inquietação que surge é que, será que então, não existiria neutralidade, mas a sensação de neutralidade (assim como ocorre com o controle, segundo sua visão)? Nesse momento, ocorre uma troca entre pesquisador e participante sobre o tema:

Pesquisador: E aí o que a gente faz de crítica à neutralidade, com o tempo, a gente fala assim: não existe neutralidade, no fundo o que as pessoas tinham lá atrás era sensação de neutralidade...porque neutralidade de fato nunca teve...

Participante: Eu acho que não era nem uma sensação... eu sinto que era uma necessidade de trazer um ideal científico para algo ou para confirmar alguma coisa. Sabe quando você inventa? A invenção da neutralidade é você se abster da responsabilidade de que se aquele fenômeno der errado a culpa não é minha.

Pesquisador: O que parece um pouco de controle também, que fazia parte do modelo científico da época. E aí você trouxe a questão do controle, de que o controle total não vai existir e de que a gente acha que tem o controle, então por isso, eu usei a palavra “sensação”. Aí me surgiu essa comparação

com a neutralidade, se de fato existia neutralidade ou sensação de neutralidade, ou uma sensação de tranquilidade de estar fora do processo. E o controle parece que também não existe e aí você fala de uma busca que parece ser sobre a “sensação de controle” e é isso que eu queria entender assim, de que forma essa busca de sensação de controle é terapêutico para o terapeuta?

Participante: A busca por essa sensação de controle, é uma busca interminável no meu ponto de vista, porque se não você acaba virando um cara dogmático, porque ela perpassa pra você um desenvolvimento do que está você estudando, um aprimoramento de você como profissional, você fazer seus acompanhamentos seja intervenção, seja supervisão, seja na psicoterapia, ou em alguma coisa assim do tipo. Então sempre vai ser eterno assim, sempre será eterna essa busca! Essa busca se torna terapêutica por conta disso, pelo sentimento de uma auto eficácia, de que eu estou fazendo o máximo possível pra tentar dar conta daquilo, daquele fenômeno. É muito diferente por exemplo você chegar pra um paciente , que ele tem alguma características de sintomas esquizofrênicos, vou colocar algo bem esdruxulo e emblemático , e você não estuda aquilo e está querendo estar no controle daquilo, está querendo estar numa situação de “ah eu entendo esse fenômeno.” Obviamente, se você tiver uma sensibilidade no seu trabalho, você vai querer estudar, vai levar para supervisão... “olha não dou conta disso, tenho os meus limites.” Isso tem haver de você se pegar nos seus limites, se pegar na questão de aprimoramento e desenvolvimento do que você tem pra ler, por isso, eu acho que esse controle é sempre terapêutico, por você ter esse sentimento de eficácia do trabalho que estou desenvolvendo, estou fazendo o máximo que posso, se eu não conseguir eu declaro “olha, acho interessante a gente fazer uma pausa!”, entretanto é uma experiência que nunca tive.

Quando critica a neutralidade falando que ela serve para se abster da responsabilidade em caso de possíveis erros e que, sente-se culpado quando erra e não gosta de se contradizer; essa mesma neutralidade pode se transformar em um recurso para ele diante desses mesmos conflitos. Por isso, coloca que recorre à teoria quando sente que está vivendo conflitos pessoais que podem interferir na sua forma de atuar. Esse recurso se transforma em um mecanismo de controle para que se sinta um profissional “eficiente” quanto ao trabalho desenvolvido. Não dá para afirmar que ele utiliza desse recurso, porém, gera uma reflexão sobre a possibilidade disso acontecer. O destaque feito por ele sobre nunca ter passado por isso, novamente, demonstra um cenário onde prova seu valor, afinal, significa que até hoje nenhum caso chegou aos “seus limites”. Talvez esses limites não tenham ocorrido justamente pela sua forma de não entrar em contato com algumas produções de sentido subjetivo, por não saber lidar com os sentimentos que giram em torno dessa descoberta. Uma forma de tentar entender surge:

Pesquisador: Você é um cara que avalia o porque está tendo dificuldade de entender esse fenômeno que está sendo apresentado pra mim durante a sessão, até mesmo antes de encaminhar, você avalia isso? Porque isso também fala sobre você.

Participante: Sim, muito. Eu sou um cara muito crítico comigo mesmo, então assim, quando eu não estou dando conta de alguma coisa, eu fico pensando o que está implicado nisso, porque eu não estou escutando direito, porque não estou pegando nada, o que está acontecendo, porque minha atenção está confusa, o que está acontecendo, mas aí a teoria vem pra me dar uma ajuda.

Pesquisador: Entendi.

Participante: Mas eu faço isso, por exemplo, eu atendi um garoto, um dos meus primeiros atendimentos, ele era adolescente, mas já iria ficar adulto, ele tinha 17 anos e eu o atendi por um ano e pouco. Era uma p**** atender esse moleque, porque assim... sabe quando você vê que está faltando alguma coisa? Eu não estava conseguindo, eu entendia o contexto dele, mas mesmo assim continuava mórbido, e a sessão não ia, uma sessão parada. Nós tínhamos algumas ligações, mas a maioria das sessões não. Ele estava sempre cansado e indisposto, não estava dando certo. E aí me peguei pensando: “será que sou eu?” Eu fui ler várias coisas! Sabe quando você lê várias coisas e você cai naquilo que você já sabia? Mas ok! Reforçou o que eu já sabia! Me deu aquela revigorada e, posteriormente, fui conversando com os colegas e me senti melhor! Por exemplo, foi terapêutico pra eu fazer essa busca de tentar, de certa maneira, ter algum tipo de controle da minha própria maneira de pensar, porque eu estava totalmente desequilibrado, estava sem saber o que fazer. E todas as vezes antes de encontrar com ele eu ficava ansioso, me sentia ‘como vai ser agora, será que vou da conta hoje, será que vai ficar o silêncio, será que vai me engolir dessa vez’, porque algumas vezes ficamos um tempão sem falar nada, ‘hoje não tem muita coisa pra você me dizer’.

O entendimento acontece quanto ao recurso que ele utiliza para lidar com seus sentidos subjetivos envolvidos no contexto de atendimentos que é, justamente, se amparar pela teoria. Por outro lado, a complexidade do ser humano não se limita às teorias existentes e, por isso, historicamente, tantas teorias foram superadas. Sua visão de um bom trabalho é pautada pelo conhecimento que tem da sua área e, mesmo admitindo seus sentimentos sobre o garoto e o desprazer que foi atender essa pessoa, ao se questionar sobre o assunto, alega que leu várias coisas e que caiu ‘naquilo que já sabia’. Ao entrar em contato com o próprio conhecimento, sentiu que tinha valor. Porém, sua forma de enxergar a situação coloca a teoria como algo que facilita o desenvolvimento da prática o que, neste trabalho, existe outra forma de pensar. Na epistemologia qualitativa, a teoria permite uma forma diferente de enxergar a prática e a prática permite superar a teoria. Ou seja, esse adolescente poderia contribuir para superar o conhecimento dos livros e, com isso, permitir ao profissional repensar a

maneira com que enxerga o campo teórico, o que, aparentemente, não ocorreu. Isso lhe proporcionou uma segurança generalizada que torna o controle “sempre” terapêutico. Por outro lado, não relata nada sobre seu incômodo com o silêncio do outro, sua história de vida, sua adolescência etc. Foca nos livros e entra muito pouco no modo de vida do próprio Antônio. Critica o adolescente por ficar em silêncio e não fala sobre os desdobramentos disso sobre ele mesmo. Talvez, o próprio fato de utilizar seu conhecimento técnico-científico como recurso de controle, tenha dificultado a acessar certas produções subjetivas de si mesmo e novas formas de enxergar o processo psicoterapêutico, onde o Psicólogo também pode produzir novos sentidos subjetivos e refletir sobre eles em sua atuação, proporcionando alternativas para sua vida para além do campo profissional.

Caso João

João é psicólogo desde 2008, casado, funcionário público e possui dois filhos, sendo um de 11 anos e outro de 7 anos. Trabalha como psicoterapeuta nas horas vagas, ou seja, esse trabalho não representa sua principal fonte de renda.

Eixo Terapeuta e qualidade de vida

Logo no primeiro momento comentou sobre uma das frustrações como Psicoterapeuta. O interessante é que esse comentário surgiu porque era algo que havia acabado de acontecer na sua experiência e, por saber sobre a temática desta dissertação, sentiu-se livre para comentar:

Pesquisador: Como estão as coisas por aí? Atendeu hoje?

Participante: Tudo em paz. Atendi pela manhã, ganhei um bolo.

Pesquisador: Faz parte...

Participante: Tem paciente que é pra passar raiva, e aí eu tenho um atendimento agora às 20h.

Pesquisador: Ata, passou raiva hoje já então com o bolo?

Participante: Nossa, e o bom foi o seguinte, para completar os meus pecados, meu menino de 6 anos não dormiu, aí eu acordei para atender e doido para dormir mais um pouquinho. Faltando 5 min o paciente “estou sem internet, não vai rolar.” Kkkk

Pesquisador: 5 minutos antes e não sabia que estava sem internet? Kkkk

Cara, a gente passa uns perrengues como terapeuta que é engraçado né, tem que rir para não ficar mais irritado.

Participante: É, a gente se diverte. Sofre mais se diverte.

O fato de ter ocorrido o “bolo” no mesmo dia da dinâmica conversacional não o impede de perceber seus incômodos com seu trabalho de Psicoterapeuta. A interferência sobre sua rotina, a raiva

de seu paciente não ter lhe avisado antes, o modo de vida ter se modificado por conta dessa atitude de quem ele atendia e, sua frase “a gente se diverte. Sofre, mas se diverte”; deixa um indicador de que podem haver mais frustrações em sua profissão e que, de fato, não parece ser um profissional conformado e passivo diante dos seus incômodos relacionados a sua atuação. Apesar disso, reflete também um indicador de como se coloca em relação à vida, de uma forma leve para enfrentar essas questões. Fortalece o argumento em um trecho do complemento de frases, onde expressa a forma como sente a falta de compromisso:

Me irrita na minha profissão quando.... Não percebo compromisso por parte do cliente/paciente; quando as sessões não se desenvolvem (parece não ter progresso na relação terapêutica); quando preciso fazer o serviço burocrático.

A sua irritação relacionada a essas questões e a consciência sobre esses acontecimentos, deixa uma dúvida sobre como lida com essas circunstâncias. Existe uma forma de pensar influenciado pela subjetividade social e sua relação com a falta de comprometimento do outro (horário, comparecimento, aceitação da sugestão do terapeuta etc), com a cobrança que se faz por resultado e, pelo desenvolvimento das sessões. A cobrança em cima do profissional como dono do saber e como um “guia” que tem a responsabilidade de fazer o outro se desenvolver é permeada por questões institucionais, culturais e históricas. Essas questões parecem influenciá-lo na maneira de enxergar seu trabalho, porém, percebe-se uma consciência de que a irritação é parte de sua subjetividade individual, quando destaca que envolve sua percepção sobre o outro: “Não percebo compromisso”. Parece admitir a possibilidade de ser uma falha de percepção que não necessariamente será vista como uma verdade absoluta mas sim como uma realidade vista por ele.

Comentou que escolheu a Psicologia ainda no seu segundo grau, mas que, devido a sua rotina de trabalho e filhos, demorou um tempo para se formar e dar atenção aos estudos relacionados à pós-graduação, que foi concluída durante a pandemia em 2021. Atendendo on-line, coloca inseguranças que sentiu no início desse processo de isolamento social:

Participante: No início eu pensei, será se isso vai funcionar? Eu senti a falta de pegar alguns trejeitos, perceber alguns movimentos, porque por exemplo, quando a gente está ao vivo, eu sou muito dependente dessas coisas e eu ficava pensando, poxa, como vai funcionar isso? Outra coisa que foi desafiadora para mim foi o meu foco, por exemplo, se eu colocar no celular eu foco um pouco mais e me canso um pouco mais do que, que nem estamos aqui, numa tela e eu consigo consultar alguma coisa se eu precisar, e aí eu fiquei pensando em como doar isso porque, por exemplo, eu to falando aqui com você e se eu receber um WhatsApp eu posso responder, mas se eu estou em uma sessão eu não posso responder. Então como que faço com essa questão de desviar a atenção, faço esse exercício

de treinar minha atenção, mas eu acho que eu consegui adaptar bem. O que que eu penso, existem links, tem paciente que precisa que seja presencial, seja pelo perfil dele, ou seja pela necessidade de determinado momento. Por exemplo, naquela etapa bem crítica, que ninguém podia sair, eu peguei um caso extremamente delicado, que era de uma senhora que havia perdido o filho bebe de 1 ano e meio/2 anos, o garoto nadou e morreu nos braços dela e eu não podia atender presencial, porque a minha esposa e do grupo de risco, tem pressão alta, a minha mãe estava no grupo de risco, meu sogro e minha sogra de idade, nos isolamos em um grupo de 13 pessoas em 3 casas. Esse atendimento eu senti falta de fazer ele presencial.

A insegurança destacada sobre o início do processo de isolamento nos demonstram que suas expectativas sobre as possíveis dificuldades foram incompatíveis com a sua experiência vivida. Acreditava que iria ter dificuldades mas conseguiu se “adaptar bem”. Faz exercícios para treinar sua atenção e destacou suas percepções com relação a situações singulares onde, determinadas pessoas precisam que seja feito atendimento presencial. Seu exemplo colocado, além de trazer questões ligadas à instituição materna, nos provoca reflexões sobre o quanto esse caso mexeu com ele, ao citar que “eu senti falta de fazer ele presencial”. Por mais “delicado” que fosse o caso, trouxe uma questão pessoal sobre sua dificuldade de fazer esse atendimento de forma virtual e, ao mesmo tempo, percebe-se um compromisso grande com a saúde de seus familiares a ponto de não ceder às necessidades de sua “paciente”. A maneira como enxerga sua família parece estar relacionada a um compromisso e uma responsabilidade grande, estando a frente de seus compromissos com sua profissão e até mesmo, com relação às demandas daqueles que procuram seu trabalho. Isso não significa que seja negligente com sua profissão. A grande dúvida foi quanto a continuidade deste atendimento:

Pesquisador: E como foi esse atendimento online?

Participante: Comecei online, tive com ela umas 8/10 sessões, e aí ela pediu para parar. Ela veio até mim por indicação de uma amiga que nem é da psicologia, porque ela estava em um momento de crise mesmo e precisava de alguma ajuda e era uma pessoa de condição financeira mais vulnerável, bem delicado, ela se afastou e se mudou de estado para o da família dela. Os outros atendimentos eu não identifiquei que tinham que ser presencial, então esses pacientes que estou atendendo hoje, no online, pode ser que eu marque um encontro presencial se julgar importante.

Novamente nos trouxe a importância das suas percepções e de seu julgamento sobre a necessidade de fazer encontro presenciais nesse momento (que se sente mais seguro para encontrar as pessoas caso seja necessário). O fato desta ter sido a única vez que viu necessidade de fazer presencial e dela ter pedido para parar após algumas sessões, pode ser indicador de que essa história teve espaço significativo em sua subjetividade, além do simples motivo de ter compartilhado exatamente esse

exemplo. Quando tentamos compreender o ser humano para além da sua fala, abre-se um espaço para que alguns fatores apareçam de outras formas e, até mesmo, na atitude de falar sobre isso, mesmo quando não perguntado sobre de maneira direta. O desenvolvimento da resposta se deu baseado nas suas produções de sentido subjetivo, que se configuram de formas imprevisíveis em sua vida até o presente momento. Outro fator que chama a atenção é seu compromisso social com a Psicologia ao realizar atendimentos de baixo custo para pessoas de condição financeira desfavorável. Isso pode ocorrer devido a esse trabalho não ser sua principal fonte de renda e, por isso, ser viável trabalhar dessa forma. Essas suspeitas são derivadas do fato de prover o sustento da sua casa junto a sua esposa e ter uma facilidade em assumir um compromisso com quem te procura de uma maneira que não precisa colocar o dinheiro como primordial. Mesmo nesse cenário, percebe-se que a profissão tem um valor social e que acredita que tem um compromisso com pessoas de baixa renda. Esse esclarecimento deve ocorrer na continuidade da dinâmica conversacional, porém, nesse momento, ocorre uma conversa sobre as distrações de quem procura seu trabalho já que, isso foi pouco falado pelo participante:

Pesquisador: Total, até pelas distrações, a gente se distrai também, porque que o outro não iria se distrair, eu acho que às vezes tem pessoas, não sei se você sente isso, tem pessoas, principalmente o adolescente que eu atendo, ele está aqui comigo conversando aí daqui a pouco eu to falando e ele está assim... E eu falo pra ele, ta no YouTube né? Kkkkkk. Você está no WhatsApp, em alguma coisa aí, enfim... Como você lida com as distrações como terapeuta?

Participante: O que que eu tenho percebido, eu tinha uma paciente que foi super difícil, ela já tinha uma dificuldade de concentração e ela ficava dispersa no online, e ela começou presencial, tivemos 3 sessões e aí começou a pandemia. E eu acabei prestando atenção nos demais clientes também, o tempo de sessão está diminuindo, as sessões presenciais eram de 50 minutos, hoje no online muita sessão de 30 minutos você já fala, deu, eu percebi isso! O início parece que vai mais objetivo, aquele rapport do presencial que durava 10 minutos, hoje já não tem mais, eu tenho muitos clientes que eu falo: Olha, a gente conversou lá no início que a nossa sessão dura em torno de 50 minutos, às vezes mais, às vezes menos, você percebe que nas últimas sessões a gente termina um pouco antes dos 50 minutos, você está incomodado com isso? A pessoa: Não, pra mim está tranquilo. Tem gente que precisa dos 50 minutos ou até mais, mas normalmente está durando entre 30/40 minutos.

Esse cenário está, novamente, envolvido pela consciência que João procura ter de si mesmo em sua profissão. A pergunta envolvia o outro e, mesmo destacando um exemplo breve de uma situação onde passou pelas distrações de quem atendia, voltou a falar de si mesmo e de suas dificuldades nesse tipo de atendimento. Valoriza seu próprio tempo, mesmo quando observa o outro, nos trazendo uma noção de que o tempo também é subjetivo. A existência de um tempo cronológico

não anula o fato de que essa forma de vivenciar esse tempo pode variar de pessoa para pessoa. Relata que começou a observar os demais “clientes”, mas, nitidamente, não esqueceu de olhar para ele mesmo e para o que percebe dessas mudanças. O contrato terapêutico quanto ao tempo de sessão é modificado, mostrando que entende que o processo não é estático e que seu desenvolvimento é imprevisível. Com relação a qualidade de vida diz:

Pesquisador: Mas deixa eu te perguntar, sobre qualidade de vida também, do que você sente do online, porque por exemplo, no início eu tinha uma resistência ao online, hoje eu ainda prefiro o presencial, tem menos do que era, talvez para perceber mais a pessoa, não tem a falha da internet, e é menos cansativo, eu fui atender um presencial esses dias... eu atendo quatro online e eu fico cansado depois do quarto seguido, no presencial eu atendia 6 seguidos e eu saia muito mais inteiro do que os quatro online, uma coisa impressionante! E aí eu comecei a ver a ver esse ponto, no presencial eu aguentava mais e no online eu aguento menos, porém, eu no online consigo estar em outros lugares. A minha família foi para a praia e eu fiquei três meses lá, eu acabava o atendimento e descia para a praia, uma qualidade de vida incrível que me torna um melhor terapeuta, você sente isso de alguma forma na sua vida?

Participante: Pra mim, tá sendo muito bom em relação a logística, porque eu sou igual o Julius de Todo mundo Odeia o Cris, eu tenho dois empregos. A psicologia não é a minha atenção primária porque eu trabalho na Caixa, eu sou concursado, então de 12h às 18h eu trabalho lá, e eu estou remoto na Caixa desde que começou a pandemia. Então se eu for pensar o tempo que eu levaria no trânsito para sair da Caixa e chegar no consultório, era o tempo de um cliente. Às vezes eu fechava a minha agenda pensando... eu vou sair da caixa, 18h/18h e pouco, eu só posso pegar um cliente às 20h. A questão do cansaço eu percebo também e eu ainda tenho um agravante que é o cansaço da caixa, por exemplo, semana passada a gente fez um evento lá na minha área que eu fui mestre de cerimônia do evento, eu atendi um cliente de 09h as 10h, as 10h eu comecei a ser mediador do evento online até 12h, aí intervalo, e de noite eu atendi mais dois clientes. E aí o bom do online foi, vou deixar alguns dias livres para a minha dinâmica de casa, e não preciso sobrecarregar dia nenhum e fui fazendo assim e fui conseguindo conciliar, mas aí a demanda foi crescendo, e no início eu disse: “vou atender dois dias da semana de manhã”, aí da pandemia pra cá cresceu 200%. Antes eu tinha 2 dias por semana e dois clientes pela manhã, 4 pessoas por semana... hoje eu tô com 9 pessoas por semana, isso porque eu não abri os outros dias! Essa semana mesmo eu já estava conversando aqui em casa que eu to achando que vou precisar abrir mais um horário. As demandas surgem, eu não atendo por convênio, e aí é mais por indicação, em termos de qualidade de vida, está muito melhor.

Sua visão sobre qualidade de vida está bastante relacionada ao gerenciamento do seu tempo e a maneira com que consegue conciliar suas duas carreiras bem como, seus compromissos familiares. Mesmo não dependendo financeiramente da Psicologia, procura um espaço em sua agenda para mais pacientes. Ao abrir esse espaço, consulta as pessoas de sua casa, não tomando essa decisão de maneira unilateral. Relata cansaço, o que não está necessariamente ligado a um estresse que não consegue lidar. Aparentemente enxerga a Psicologia com um propósito social de atender ao público de baixa renda e não se abstém dos valores familiares para fazer isso. Porém, até o momento, ficam algumas curiosidades dessa relação família x trabalho.

Eixo Família e Finanças

Conforme destacado anteriormente, para João, sua família participa das tomadas de decisão que venha a ter quanto a sua profissão. Se preocupa em passar um tempo junto dos filhos e, ao mesmo tempo, trabalhar no serviço público e como Psicólogo Clínico. Por isso, como o participante relatou que começou com o outro trabalho e que o seu trabalho de psicoterapeuta começou depois, como pesquisador veio a seguinte pergunta (seguida da resposta):

Pesquisador: Quando você se formou você disse que ficou um tempo parado, quanto tempo mais ou menos você se lembra?

Resposta do participante: Uns 2 anos pelo menos, nesse meio tempo eu trabalhava com educação corporativa, lia alguma coisa de psicologia organizacional, aí o que acontece, os atendimentos começaram a aparecer assim um colega que tinha estudado comigo chegou pra mim e disse: Olha, eu to com um caso assim assado e eu preciso que você atenda, porque eu preciso que seja um homem e eu sei que você vai dar conta! E eu sublocava um lugar naquele horário para atender aquela pessoa, e eu atendia e depois parava, aí vinha outra pessoa: “olha eu preciso que você atende um caso assim assado” e eu ia! E assim foi! E de dois anos pra cá, um ano antes da pandemia, uma amiga minha que trabalhava como orientadora educacional em escola ela falou: “cara eu vou para a clínica e eu quero que você vá comigo, a minha ideia é a seguinte, a gente vai atender, eu vou trazer a minha experiência de escola, eu vou atender crianças e adolescentes e a família tem necessidades e aí você entra, porque a gente trabalha as crianças e os pais”, aí conversamos, pensamos em como seria essa proposta de trabalho e aí eu comecei a atender com mais frequência. Ela sabia do meu trabalho, então ela sabia da minha disponibilidade da parte da manhã ou da noite, e aí fomos tocando esse projeto e aí veio a pandemia... e aí onde entra essa questão de gerar valor, eu digo isso para os meus colegas que estão aí atrás de clientes. Eu tenho uma vantagem que eu falo pra eles que o que sustenta a casa não é a

psicologia, bem ou mal o meu sustento vem do meu trabalho da caixa, então a psicologia eu pude entrar pegando muito paciente social, tanto que hoje, metade da minha carteira é social! São atendimentos que não tem preço, mas o valor que tem, é fantástico! ”

Realmente seu trabalho como Psicoterapeuta não é sua fonte de renda principal, porém, consegue atribuir valor a esse trabalho mesmo cobrando preços abaixo daqueles que são comuns hoje na média do mercado na área. O “valor” envolve as produções de sentidos subjetivos e vão além da racionalidade e objetividade do preço que se cobra. Sente-se bem de poder fazer isso e caracteriza essa possibilidade como uma “vantagem” com relação aos demais colegas. O fato de perceber essa ação dessa forma, vai interferindo na sua maneira de atuar no sentido que, o dinheiro que recebe não é o que te mobiliza a estar atendendo. O diálogo segue na mesma linha de raciocínio:

Pesquisador: Quando você abre mão, você fala que aprende muito com esses atendimentos sociais, seria isso?

Participante: Assim, tem duas coisas, tem essa questão do aprendizado, mas isso não é garantia porque você pode atender uma pessoa social que seja um atendimento comum. Mas eu penso muito na questão social mesmo de tipo a quem muito é dado, muito será cobrado, então assim, se eu tenho como fazer, o pouco que seja, cara porque não!?

Sua mobilização pelas questões de necessidades sociais é o principal motivo que atua dessa forma, unindo sua pouca preocupação com o financeiro quando se trata da sua atuação. Até mesmo o significado do dinheiro chama a atenção:

“**Dinheiro...** Aceito. Mas não é meu propósito de vida. É necessário para nos mantermos com dignidade, realizarmos sonhos... não podemos ser ingênuos em descartar sua importância, mas não pode ser o motivador que temos para tudo”.

A atenção existe porque, mesmo que a Psicologia não seja sua principal fonte de renda, seus propósitos poderiam estar relacionados justamente a ganhar mais dinheiro e poder utilizar desse dinheiro com ele ou com a família. Uma situação não iria necessariamente eliminar ou anular a outra. Para ele, seu modo de vida permite que atribua outros valores ao trabalho como psicoterapeuta e, a maneira que enxerga o dinheiro, possibilita que coloque outras realizações e propósitos para sua profissão. A subjetividade social envolvendo o dinheiro ganha um valor diferente em que a subjetividade individual prevalece nessa tensão indivíduo-sociedade, no sentido de enxergá-lo sem grandes ambições em um mundo consumista, onde o “comprar” prevalece como a solução para muitas questões emocionais e onde somos provocados a todo momento para adquirir bens materiais e ganhar cada vez mais financeiramente para ter mais produtos.

Quando nos coloca que tem uma “vantagem” com relação aos colegas, fica uma inquietação sobre qual a percepção dele sobre os outros profissionais:

Pesquisador: O que você pensa sobre essa lógica de mercado?

Participante: Sempre quando eu vou começar com um paciente novo, eu falo pra ele, o que está lá no código de ética... a gente não trabalha com previsão de resultado, eu não tenho condição de dizer “serão tantas sessões”. E aí olha que interessante, hoje eu recebi uma ligação de uma pessoa, querendo fazer avaliação psicológica pra ir pro curso, ‘eu quero 4 sessões e um documento’, eu falei “olha eu não trabalho com isso”. Falar dessa lógica de mercado na minha condição e meio sacana da minha parte pelo seguinte: a psicologia não é minha fonte de renda primária. Então é muito fácil eu falar assim, eu posso me dar ao luxo de não focar no imediatismo pra ter cliente e tal, por que não está afetando no feijão da minha mesa. Agora, eu vou ter uma série de colegas que estão trabalhando com convênio, para o cara do convênio ter um resultado bom, e indicar alguém que não vai convênio. Então quando eu penso assim... trabalhar com imediatismo, com previsão de resultado... eu não consigo trabalhar assim. E aí voltando as cobranças do terapeuta, às vezes eu me pergunto, se o tempo que passou já está dando bom resultado? Mas eu não consigo virar pro cliente e dizer olha: “eu sou contra!” Porque é um cenário muito complexo e eu não tenho como precisar isso... não tenho como estimar isso..., mas eu entendo como alguns colegas se posicionam. Talvez eu não concorde, mas eu consigo entender.

A subjetividade social envolvida na lógica do mercado onde, precisamos ganhar o máximo de dinheiro possível fazendo diversas promessas para atender uma demanda de imediatismo social, parece fazer sentido em sua racionalidade. Seu entendimento sobre o assunto deixa em aberto se ele tomaria a mesma atitude que esses outros Psicólogos mas, precisamente, pontua uma crítica de “não concordância”. Entender uma questão de forma racional não significa que isso necessariamente estará enraizado em nossa subjetividade com ações e comportamentos compatíveis com as palavras. Essas mesmas palavras continuam:

Participante: A caixa é meu ganha pão e a psicologia é o que me realiza, então às vezes eu tenho um dia horrível na caixa, e vou feliz atender e aí os meninos perguntam, você vai brincar com a gente ou vai atender? Depois que eu atendi a gente brinca e tal, mas é justamente isso e o que me torna melhor e o que me faz bem...

Esse trecho complementa que o trabalho como Psicólogo é uma “realização” e, talvez, o outro trabalho (serviço público) traga uma grande contribuição para valorizar ainda mais sua atuação como terapeuta. A satisfação do participante sobre o trabalho na caixa não é o foco principal deste trabalho,

porém, o valor que foi dado a ele é de ser o “ganha pão”. De certa forma, existe a possibilidade de que, nesse caso específico, João tenha cedido a lógica de mercado (subjetividade social - focada em estabilidade financeira e no próprio trabalho) e que, atender as pessoas na terapia, seja uma forma de compensar os “estresses” de estar fazendo algo somente pelo seu sustento. Não estamos negando a importância do sustento e nem mesmo o participante nega isso, somente trazendo uma reflexão de um trabalho com um valor diferente do outro.

O questionamento dos filhos sobre seus atendimentos e sua justificativa é sentida como “bem entendida” pelos mesmos:

“... o que sustenta a casa não é a psicologia, bem ou mal o meu sustento vem do meu trabalho da caixa, então na psicologia eu pude entrar pegando muito paciente social, tanto que hoje, metade da minha carteira é social. São atendimentos que não tem preço, mas o valor que tem, é fantástico! E aí eu paro e penso, ‘poxa, eu vou abrir mão de brincar 1h com os meninos, de fazer uma tarefa, para fazer um atendimento’ eles entendem isso e isso é bem legal. ”

Novamente o trabalho da caixa é colocado como “sustento” e acompanhado da expressão “bem ou mal”, o que nos remete a pensar que o valor dele (trabalho da caixa) é representado somente por isso e que, o valor da Psicologia ganha força com sua proposta de atendimentos sociais. O seu trabalho no serviço público representa um “bem” por permitir que a Psicologia seja valorizada do jeito que ele gostaria e “mal” por não ter o mesmo valor que ela. Complementa-se essa questão com seu relato:

“Meu maior sonho... Viver de psicologia e poder sair do meu outro trabalho. ”

Esse valor também está presente na relação com os filhos quando diz que abre mão de um tempo com eles para atender e que o fato deles entenderem sua ausência por algum instante, faz ele se sentir melhor. Por trás do funcionário público existem duas vertentes de muito valor: Psicologia e seus filhos. Seu orgulho está nessa relação com seus descendentes:

“Me orgulho... De poder dormir tranquilo, sabendo que minhas ações não me envergonham nem envergonhariam meus filhos. ”

Mesmo com o valor dos filhos destacados, a citação de si mesmo, de seus valores como ser humano e de uma possível vergonha, abre um leque de possibilidades que nos remete a pensar que sua configuração subjetiva está em torno da ideia de alguém que valoriza a profissão de Psicólogo, com uma proposta mais social de atendimento (para além do financeiro), e também valoriza a família na tomada de decisões, provavelmente, agregando mais dessa instituição (família) tão forte que representa mais uma das suas “realizações”:

“Família... Minha maior realização pessoal e o projeto de minha vida.”

A palavra “realização” foi utilizada tanto com a profissão de Psicoterapeuta quanto com a própria família. Embora tenham surgido esses assuntos, não cita a esposa em suas indagações. Não tem como afirmar se ela faz parte ou não desse “projeto de vida”. O que se pode trazer sobre isso (até agora) e sua visão sobre relacionamentos amorosos:

“Relacionamentos amorosos...São experiências fantásticas que, quando bem vivenciadas, podem nos fazer muito felizes e nos proporcionar crescimento sem medida. ”

Seria um erro afirmar que ele se refere ao próprio relacionamento já que, sua observação: “quando bem vivenciadas”, não está acompanhada de uma observação sobre sua companheira. O que se sabe é que ela não foi citada.

Eixo Inseguranças do terapeuta

Uma das propostas fundamentais dessa pesquisa é entender como se configura a experiência de “ser” psicoterapeuta para os participantes. Por conta disso, a dinâmica em um dos encontros (terceiro) começou com a seguinte pergunta feita pelo pesquisador:

“Cara eu vou te fazer uma pergunta que eu tinha até feito para outra pessoa hoje, do mestrado também. Quem é o terapeuta João?”

João Respondeu:

Cara, essa é boa. O terapeuta João, é um cara que tenta fazer o melhor, mas sempre fica um pouco inseguro, questionando se... será que o caminho é esse, será que é a melhor forma? O terapeuta João é um cara que ainda se cobra muito sobre qualidade, seja lá o que é isso em terapia.

O terapeuta João “tenta fazer o melhor” e se cobra muito sobre “qualidade”, porém, provavelmente sua insegurança seja por não ter as respostas sobre o que significa isso. Afinal, qual será a melhor forma? O melhor caminho? São muitas perguntas e poucas respostas em um pequeno trecho. Nesse sentido, acrescenta:

“Ok. Tipo preciso estudar mais, preciso pensar melhor nos meus casos, preciso me dedicar aos meus casos, enfim! Eu sempre acho que está pouco! Tem fases que consigo reconhecer “ok está pouco estou com pouca dedicação”, mas via de regra eu fico nisso. Porque por mais que seja algo que eu goste muito de fazer, é algo que eu entendo que tem uma responsabilidade muito grande! Eu não consigo pensar nisso de forma leviana! Eu morro de medo de fazer uma sessão, em que eu esteja displicente (vamos dizer assim), e pensar em que tipo de prejuízo isso pode gerar, seja de imediato ou a longo prazo. Quando eles não estão em contexto de crise eu não digo “talvez o resultado seja em um

prazo maior”, mas quando estão em uma zona (incompreensível) então eu penso muito nisso. Eu acho que o terapeuta João pensa nessas limitações e tenta trabalhar com elas, mas acima de tudo é fazer um trabalho bacana e ajudar. Eu acho que esse é o grande propósito, sabe? Quando eu comecei a pensar em psicologia, uma coisa que eu pensava muito era assim: “eu nunca vou ter duas sessões iguais”. Não é como um dentista que vai fazer ‘dois canais’. Então eu nunca vou ter duas sessões iguais, então eu tenho que ajudar da melhor forma possível. É engraçado que o mesmo jeito que falei o que é essa qualidade, eu penso assim, o que é fazer essa diferença? Talvez o simples fato de a gente está aqui ouvindo já seja uma p*** diferença. Até porque tem sessões que a gente sai e não dá nada, ‘ah hoje não foi bom ‘mas depois que a sessão foi extremamente positiva pro resultado. Então eu penso isso, o terapeuta João tem essas questões. ”

O participante nos traz uma discussão interessante a respeito das inseguranças do terapeuta associadas a não ter as respostas para todas as perguntas e, ao mesmo tempo, se cobra mais estudo e dedicação devido ao excesso de responsabilidade. As produções subjetivas sociais nos permitem entender a cobrança sobre como se portar como profissional e sobre as expectativas criadas no Psicólogo que atua dessa forma. Essas cobranças se tensionam com a subjetividade individual de João e contribuem para o aumento das inseguranças. De fato, nunca saberá “o suficiente” (pensando na complexidade humana) porém, existe uma dificuldade em enxergar a situação de outra forma onde poderia ter mais leveza ao atender e saber que, por também ser um humano (complexo e com limitações), nunca saberá explicar tudo sobre si mesmo e que isso não define suas competências como profissional. Esse excesso é escrito novamente em seu complemento de frases:

“O psicólogo deve ser...Ético, responsável, acolhedor, disponível, desprovido de vaidades (na medida do possível) e sabedor de suas limitações.”

Não só fala sobre a “responsabilidade” (permeada pela subjetividade social do compromisso com a profissão) como, novamente, nos relata sobre as limitações. Reconhece que existem limites e, aparentemente, a vaidade pode atrapalhar esse processo de reconhecê-los. Esses limites envolvem as diferenças entre cada uma das pessoas e do próprio terapeuta, que precisa saber que “nenhuma sessão será igual a outra”. As provocações ficam sobre: como ele enxerga sua profissão?

“Minha profissão...Faz bem pra mim e pro outro. Requer responsabilidade, ética e dedicação.”

Apesar de todos os desafios, insiste em dizer que gosta de sua profissão, que ela te faz bem e que se sente realizado. Isso parece ser uma hipótese que faz total sentido na sua vida. Demonstra ter muita consciência dos valores que a Psicologia representa em sua vida e também de toda pressão envolvida na atuação dos profissionais da área. Por outro lado, surge uma possível contradição:

“Amar é... Fazer porque se quer, não porque se precisa. Seja uma relação pessoal, amorosa, familiar, profissional... só é amor quando não se precisa. ”

Ao mesmo tempo que ama a Psicologia, reconhece que ela não representa seu sustento, ou seja, não precisa dela para arcar com suas contas. Ao mesmo tempo, deseja viver somente da Psicologia e sair do outro emprego, onde está por uma necessidade. De um lado, um desejo de viver do que se ama e de outro, um desejo de sair do que precisa. Esses desejos podem estar gerando pequenos conflitos relacionados a pouca divulgação do seu trabalho de Psicoterapeuta:

“Divulgo meu trabalho...De forma discreta, talvez num alcance bem menor do que seria devido. Uso pouco as mídias sociais e a maioria de meus clientes/pacientes chegou até mim por indicação.”

Se o João quer viver da Psicologia a ponto de sair do outro trabalho, chama a atenção não divulgar tanto seu trabalho de Psicoterapeuta. Talvez as responsabilidades não lhe deem a segurança necessária para investir mais nessa carreira ou, até mesmo, a própria decepção, pois, conforme citado anteriormente nessa pesquisa, o trabalho como funcionário público permite valorizar a Psicologia como algo que se “quer” e não como algo que “precisa”. O medo de “precisar” da Psicologia pode estar presente em seu inconsciente. A partir do momento que ela se transforma em uma necessidade e no seu próprio sustento, deixaria de proporcionar uma vida melhor conforme destacado a seguir:

“A psicologia me proporcionou...Viver melhor por poder atuar com o que amo e poder fazer a diferença na vida das pessoas. ”

A questão que fica é se a Psicologia teria o mesmo valor ao se transformar em seu sustento e se continuaria a te proporcionar uma “vida melhor”.

Eixo controle e cobrança por resultados

João se queixa em diversos momentos sobre a responsabilidade e sobre as cobranças quanto à profissão. Essa cobrança está associada à ideia de controle, onde o profissional quer controlar as situações que precisa lidar. Conforme seu relato:

“Participante: Essa questão do controle eu penso muito também na questão da cobrança por resultado. A gente tem uma sociedade que leva a gente a querer resultado a ser pragmático, $a + b = c$..., mas a gente não trabalha assim. Do mesmo jeito que as vezes chega o paciente com a necessidade $a + b = c$, a gente se flagra fazendo isso, a gente se flagra poxa: to com fulano e qual resultado está dando?”

Os resultados de um processo psicoterapêutico podem ter diversos desdobramentos. É impossível saber qual caminho que deverá percorrer e até mesmo o que seria um bom resultado. Mesmo com essa consciência, João se cobra bastante, orientado por uma subjetividade social, relacionada ao ser “pragmático” e tratar o processo com objetividade. A objetividade não é o oposto de subjetividade e a própria teoria utilizada nesta pesquisa não visa fazer essa oposição ou negar sua importância. A grande questão é que, a influência da subjetividade social na subjetividade individual é tão real quanto questões palpáveis e que, mesmo que o participante perceba conscientemente que o Psicólogo “não trabalha assim”, suas ações são gerenciadas por essa forma de atuar, o que pode ser caracterizado como um conflito vivido em suas sessões. Ao falar sobre as necessidades dos pacientes, parece que o “resultado” do processo está relacionado ao paciente atingir o que deseja. Na dúvida, o diálogo continua:

Pesquisador: E não só isso né, esse lance do resultado né, as vezes o paciente atingiu o resultado que ele queria e pode ser que a gente não. Pode ser que a gente não fique feliz com isso... porque o resultado que ele queria não era o que ele precisava.

Participante: Ou o que a gente acha que ele precisava

Pesquisador: Exatamente, o que é o mais provável, afinal a gente não tem convicção e certeza nesse sentido. E eu fico me perguntando cara, o tema do resultado é um tema que dá muita discussão. Não necessariamente o que a pessoa quer é o que ela precisa, não necessariamente eu sei o que ela precisa... ver (verificar) se o querer é compatível com o precisar, se o desejo é compatível com a necessidade (como dizia Lacan e você sabe melhor que eu, inclusive).

“Participante: E aí eu penso assim, algumas abordagens ou algumas formas de fazer crescem justamente por causa disso, por exemplo: porque NDR tem crescido tanto? Porque tem tanta gente correndo atrás de NDR ou se fazendo com NDR? O cara fala assim, olha: você vai ter um resultado bem pontual, você chegou aqui com a queixa X e a gente vai dessensibilizar essa queixa X. Então pro paciente aquilo vai dar um p*** resultado e vai sair falando bem e tal, não necessariamente deu tempo de entrar na discussão sobre a causa, sobre a raiz, sobre ressignificar aquilo... mas deu resultado pra ele, tirou a dor! Então eu penso muito nisso também, a gente tem cobrança de resultado, a gente pensa pra gente que daria pra ir muito além...,o cara ta contente com isso aqui mais dá pra ir tão além, mas nessa, às vezes, o imediatismo reina. ”

Os conflitos referentes a não ter as respostas sobre as verdadeiras necessidades do “paciente”, o imediatismo que “reina” e, a dificuldade que enxerga para “ir além” em seus atendimentos; demonstram a existência de um conflito sobre os resultados dos seus atendimentos. O sentimento do outro predomina nessa leitura que faz sobre os próprios limites e sobre os resultados que enxerga dentro de si mesmo. Apesar de se preocupar bastante com seus sentimentos, quando se trata de “resultado” existe uma outra descrição:

“Resultado positivo para meu trabalho....Sujeitos independentes, com autonomia e com possibilidade de se realizar em diversas dimensões de suas vidas. ”

Nessa forma de pensar, o resultado e satisfação do terapeuta não foram considerados. Parte da sua realização como terapeuta está intrinsecamente ligada a proporcionar “sujeitos independentes” com “possibilidade de se realizar”. Ou seja, sua realização também tem relação com a realização do outro. Porém, ao questionar os resultados e saber que nem sempre vão “sair falando bem” e que, “falar bem” se relaciona ao que o atendido entende como resultado, corre-se o risco de desconsiderar suas intuições e sentimentos quanto ao processo, principalmente, quando o outro sai “falando mal” do seu trabalho. Dentro da subjetividade social existe a presença desse imediatismo que tanto se queixa e de fazer promessas para atender a uma lógica de mercado. Mesmo não se colocando nessa realização de um “bom resultado” de maneira direta, ao continuar com a mesma postura, indica que existe uma preocupação individual onde não muda seus princípios por essa lógica (de mercado). Sendo assim, complementa:

Participante: “Então quando eu penso assim... trabalhar com imediatismo, com previsão de resultado: eu não consigo trabalhar assim.”

Dessa forma, segue sua ética e valores, porém, vive um conflito com relação ao que seria um bom resultado e sobre como esse “tal” resultado se expressa em sua configuração subjetiva. Afirma não conseguir trabalhar com imediatismo, mas ao mesmo tempo alega que, quando o outro se sente bem, mesmo que possa aprofundar mais sobre as questões, muitas vezes, o imediatismo envolvido na subjetividade social vence a disputa. Possivelmente essa pessoa que o procurou sairia “realizada”. A consciência de que esse não é seu único crivo para saber qual seria o melhor resultado, parece não estar presente. Suas palavras destacam que não se tem essa resposta mas ao mesmo tempo se cobra por isso. É a expressão clara da tensão indivíduo-sociedade onde formamos nossa subjetividade. Além disso, acredito que um resultado positivo para seu trabalho é justamente a “realização” de quem o procura.

Por diversas vezes usou essa mesma palavra para falar de como se sente em seu trabalho como Psicólogo Clínico e, de fato, parece considerar mais do que o que o outro sente em diversos momentos.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender como se expressam as produções subjetivas de um psicoterapeuta em sua atuação. Isso significa que procuramos entender a complexidade de ser um Psicólogo Clínico a partir de uma crítica à neutralidade e do entendimento da influência da subjetividade social nesses participantes.

O tema, com foco no profissional, surge a partir das necessidades de conhecer também o “cuidador”, ou seja, de colocar o Psicólogo com um ser humano, pró ativo, participativo e dialógico. Como Dostoiévski dizia: “O homem é um mistério. Se dedicarmos nossa vida inteira a esclarecê-lo, não teremos perdido nosso tempo. Eu me ocupo desse mistério, pois quero ser um homem”.

A tentativa dessa pesquisa foi de me ocupar desse mistério. Não só me ocupar, como aprofundar em um conhecimento que é infinito sobre os fenômenos humanos.

Nesse sentido, essa pesquisa demonstra a importância de um olhar para o psicólogo clínico como um ser humano, e não como apenas um profissional detentor do saber. Ele também produz diversos sentidos subjetivos ao atender as pessoas que procuram seu trabalho. Esses sentidos subjetivos (González Rey, 2002, 2004, 2007, 2017) se mostraram presente na configuração subjetiva (González Rey, 2017) dos participantes de diversas formas e com desdobramentos bem interessantes.

Percebe-se que a insegurança está presente na configuração subjetiva dos dois participantes. Mesmo que de formas distintas, tanto João quanto Antonio apresentam inseguranças relacionadas à responsabilidade de atuarem como Psicoterapeutas e se cobram bastante por esse motivo. Essa responsabilidade é gerenciada pela subjetividade social que envolve toda a construção histórica da Psicologia e por questões sociais-culturais institucionalizadas, relacionadas a como portar-se profissionalmente, ao compromisso com a profissão e ao resultado proporcionado. Embora tenham semelhanças no sentido subjetivo envolvendo o processo, existem diferenças significativas quanto a forma de lidar e de encontrar alternativas para esse sentimento. De um lado existe a procura por outros colegas para ter uma troca de conhecimento e uma busca pela saber técnico-científico como alternativa, enquanto que, de outro lado, existe uma cobrança por estudar mais e sempre achar que tudo que faz é pouco.

Ambos entendem os problemas envolvendo a complexidade humana, porém, diferem em diversos aspectos relacionados ao controle, ao financeiro etc. Provavelmente ocorre pela forma com que suas produções subjetivas tomam forma em sua singularidade. Quando entende-se que temos a capacidade geradora, mesmo com experiências parecidas, é possível perceber que a subjetividade individual permite diversas formas de enxergar essas mesmas experiências. Por mais parecidas que sejam, os desdobramentos se diferenciam muito na história de vida de cada um, inclusive, sob o ponto de vista em que: um participante está envolvido pela família e o outro considera que sua família não é unida, um tem dois empregos e o outro precisa sustentar sua casa somente com a Psicologia, um está formado a mais tempo e possui mais idade enquanto que o outro é recém formado e vive um momento diferente da juventude, etc.

Essa forma de enxergar os processos e de fazer pesquisa, a partir da epistemologia qualitativa, abre um espaço para que novas pesquisas sejam realizadas sobre o olhar do profissional em sua atuação. Esse olhar do profissional é permeado pela sua vida em diversos sentidos. Embora seja comum a separação racional entre o lado profissional e o lado pessoal, as influências desses dois pontos de vista ocorrem de maneira recursiva. O profissional está envolvido pelas suas produções subjetivas constituídas no decorrer de toda sua história de vida e o seu “eu profissional” também é parte dessa construção do “eu, pessoal”.

A riqueza que existe em humanizar os profissionais está presente quando compreendemos suas angústias e inquietações, bem como suas realizações, que vão além da própria pessoa que o procura. Nas mais diversas áreas de conhecimento, existem seres humanos que buscam respostas para sua existência.

Obviamente que, nunca chegaremos a todas as respostas, mas talvez a pesquisa seja o melhor caminho para chegarmos mais perto de compreender a humanidade, como diria Edgar Morin (2020):

“Vivo cada vez mais com a consciência e o sentimento da presença do desconhecido no conhecido, do enigma no banal, do mistério em todas as coisas e, em particular, dos avanços do mistério em todos os avanços do conhecimento” (p.13)

O avanço do conhecimento é o que permite que novos mistérios surjam e que desperte um interesse maior pelo desenvolvimento de todos os envolvidos nessa subjetividade inerente ao ser humano. Que venham novos conhecimentos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA R.A., MALAGRIS, L.E.N (2011). **A prática da Psicologia da saúde**. Rev. SBPH vol.14 no.2, Rio de Janeiro - Jul/Dez. - 2011

ANDERSON, H. (1). **Algumas considerações sobre o convite ao diálogo**. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 49-54. Recuperado de <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/240>, 2016. Acesso em: 05/12/2020.

GONZÁLEZ REY, F. L. (2002). **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. -Diferentes abordagens para a pesquisa qualitativa; fundamentos epistemológicos, p. 1-51.

GONZÁLEZ REY, F. L. (2004). **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson.

GONZÁLEZ REY, F. L. (Org) (2005). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

GONZÁLEZ REY, F.L. (2005). **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning

GONZÁLEZ REY, F.L. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011

GONZÁLEZ REY, F. L., MITJÁNS MARTINEZ **A Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. e BIZERRIL, J. (Org) **Saúde, Cultura e Subjetividade: Uma referência interdisciplinar**. Brasília: UniCeub, 2015.

GONZÁLEZ REY, F.L. **A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva**. In: MITJÁNS MARTINEZ, A., LIMA SCOZ, B. J., SIQUEIRA CASTANHO, M. I. (Org) *Ensino e Aprendizagem: a subjetividade em foco*. Brasília: Liber Livros, 2012.

HOLANDA, A. F. (Org) **O campo das psicoterapias: reflexões atuais**. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES (1993). **Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity** *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf> Acesso em: 15/07/2021

MORI, V. D. (2018). **A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: A prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente**. Brasília. UniCeub.

MORI, V. D. & GONZÁLEZ REY, F. (2012). **A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. Psicologia: Teoria e prática.** 2012, 14(3), p. 140-152.

MORIN, E. (2000). **Ciência com consciência.** Ed. Revista e modificada pelo autor – 4 ed. Rio de Janeiro.

MORIN, E. **Conhecimento, Ignorância, Mistério.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

NEUBERN, M. **Psicologia, Hipnose e Subjetividade: Revisitando a história.** Editorial Diamante, 2009.

NEUBERN, M. (2012). **Ensaio sobre a cegueira de Édipo: Sobre psicoterapia, política e conhecimento.** In: HOLANDA, F. A. O campo das psicoterapias: Reflexões atuais. Curitiba: Juruá. 2012, p. 13-45.

RIGON NETO, O. D.. **O transe hipnótico como possibilidade de emergência do sujeito.** 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

ROSE, N. (2011). **Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade.** Rio de Janeiro: Vozes.

SPINK, M. J. (2009). **Psicologia Social e Saúde: Práticas, saberes e sentidos.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

ANEXO A – Complemento de frases

Meu maior sonho..

Família...

Desde que me formei...

Relações humanas...

A psicologia me proporcionou....

O que é terapêutico na minha vida...

Pessoas difíceis de lidar são...

Relacionamentos amorosos...

Saúde...

Resultado positivo para meu trabalho....

Minha profissão...

Estudar...

Dialogos...

Afetividade...

Acolhimento...

Escutar o outro...

Gosto de quem eu sou quando...

Me sinto culpado...

Escutar a si mesmo...

Me irrita na minha profissão quando....

Conversa...

Amar é...

Dinheiro...

Divulgo meu trabalho...

O psicólogo deve ser...

Me orgulho...

ANEXO B - Termo De Consentimento Livre Esclarecido

“Produção subjetiva do psicoterapeuta em sua atuação profissional: um estudo construtivo-interpretativo”

Instituição do pesquisador: UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Pesquisador responsável: Ivo Reinehr Neto Fernandes

Pesquisador Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Valéria D. Mori

Você está sendo convidado(a) a participar de um projeto de pesquisa. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará qualquer prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar de livre e espontânea vontade você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assinar as duas vias e receberá uma delas.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo é compreender como o Psicólogo vivencia sua experiência dentro da psicoterapia, ou seja, seus sentimentos e entendimentos dentro da sua atuação profissional.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser Psicólogo(a), atuante, ser psicoterapeuta e por ter experiência em atendimentos psicoterápicos.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em comparecer a quatro encontros, previamente agendados, coordenados pelo pesquisador responsável.
- Os procedimentos são conversar de forma livre e aberta sobre temas relevantes ao estudo como: saúde e doença, alegrias e frustrações, experiências passadas e atuais. Além disso, será também solicitado(a) a completar frases sobre esses temas.

- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- As conversas serão gravadas para a coleta de informações.
- A pesquisa será realizada por meio de vídeo chamadas em aplicativos como Zoom, Skype ou Google Meets dependendo da sua disponibilidade durante a semana ou no fim de semana.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui risco mínimo. Pode haver constrangimento em relatar algumas de suas experiências pessoais, por isso medidas preventivas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Sua identidade e seus dados não serão revelados e sua privacidade será respeitada.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação você poderá ajudar no maior conhecimento sobre os processos da subjetividade individual e social relacionados a realização de atendimentos psicoterápicos e sua experiências ao atender as pessoas que te procuram.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados ficarão guardados sob a responsabilidade de Ivo Reinehr Neto Fernandes com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____,

após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de ____.

Participante

Pesquisador Responsável

ANEXO C - Parecer Consubstanciado Do Cep

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.154.228/21, tendo sido homologado na 21ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 3 de dezembro de 2021.